



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA
FACULDADE DE TEOLOGIA

MESTRADO INTEGRADO EM TEOLOGIA (1.º grau canónico)

ELVINO ANTÓNIO FERNANDES DOS REIS PEREIRA

**O CUIDADO DA NATUREZA E DA PESSOA
VULNERÁVEL**

Aspetos Humanos e Teológicos

Dissertação Final

sob orientação de:

Prof. Doutor JERÓNIMO DOS SANTOS TRIGO

Lisboa
2015

Siglas e Abreviaturas

Gn - Génesis

Ex- Êxodo

Dt – Deuterónimo

Tb – Tobite

Is – Isaías

Jr – Jeremias

Prov – Provérbios

Jt - Judite

Sl – Salmos

1 Rs – 1º Livro dos Reis

2 Rs – 2º Livro dos Reis

Dn – Daniel

Bar – Profeta Baruc

Zac - Zacarias

Mc – Marcos

Mt - Mateus

Lc – Lucas

Jo – João

Act – Actos dos Apóstolos

G1 – Carta aos Gálatas

1Cor – 1ª Carta aos Coríntios

2Cor – 2ª Carta aos Coríntios

Rm – Carta aos Romanos

Ef – Carta aos Efésios

Tt – Carta a Tito

1Tm – 1ª Carta a Timóteo

2Tm – 2ª Carta a Timóteo

Vol - Volume

INTRODUÇÃO

Este trabalho tem por objetivo abordar o cuidado da natureza e da pessoa vulnerável a partir de aspetos humanos e teológicos. O cuidado é uma atitude de preocupação, ocupação, responsabilidade e envolvimento afetivo com aquele que é o ser cuidado, abrangendo mais do que momentos de atenção. Esse sentido de cuidar implica que apenas tome consciência de que é um ser que cuida e que deve deixar-se cuidar. Deus, ao criar o homem, “criou-o à Sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher”. (cf. Gn 1, 27). E “colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar” (cf. Gn 2, 15). Esta foi a missão dada ao homem: a responsabilidade de cuidar, de administrar o que a natureza contém, para o bem comum.

A razão que me levou a escolher este tema foi o meu contato com as pessoas mais frágeis, a minha inquietação e o meu desejo de me deixar cuidar e de realizar a missão de cuidar. Sendo o cuidado um bem necessário, uma atitude essencial para vida humana, há que reconhecer essa necessidade.

Vivemos num mundo onde muito se fala do cuidado, nomeadamente da natureza e da em saúde. É tarefa e missão que cabe a cada pessoa. Mas nem todos correspondem. Na realidade, a dignidade do outro, sobretudo do mais frágil, é muitas vezes esquecida ou posta de lado, perante os interesses das pessoas ou dos grupos. Tudo isto realça a importância do tema que é cuidar e deixar-se cuidar. É uma maneira de lutar contra a cultura de morte.

Este estudo está dividido em três capítulos, precedidos de uma introdução e seguidos de uma conclusão.

No primeiro fazemos uma abordagem da emergência do cuidar e do cuidado na cultura contemporânea: uma abordagem filosófica, caracterizando a postura e a relação a ter, quando se cuida e se é cuidado. A fábula mito do cuidado realça o sentido humano e divino do cuidado. O cuidado é inerente a todo ser humano e nenhum homem deve recusar esta sublime missão de cuidar.

No segundo falamos da missão e da responsabilidade que Deus Criador dá ao homem, quando o coloca no jardim com a missão de o cuidar, cultivar e guardar. Depois tratamos do cuidado devido às pessoas que precisam e que são vítimas sociais da massificação do nosso tempo e onde não há espaço para pensar no outro e cuidar dele. De seguida percorremos algumas passagens de Jesus que cura, cuida e salva as pessoas, das suas doenças de corpo e do espírito. Era uma das missões d'Ele aqui na terra. Vemos isso no Evangelho: “Curou muitos enfermos doentes com toda a espécie de doenças e expulsou muitos demónios” (Mc 1, 34), e recordamos que “toda a multidão procurava tocar-lhe, pois emanava d'Ele uma força que a todos curava” (Lc 6,19).

As primeiras comunidades cristãs tinham também a preocupação e o cuidado das pessoas mais vulneráveis, dedicando-se a essa missão com zelo e alegria. E depois São Francisco de Assis, aquele que melhor soube descobrir na natureza a sinfonia do amor de Deus, deixam-nos no “Cântico das Criaturas”, um enorme testemunho de cuidado para com todas as criaturas. Nele mostra-nos a grandeza do amor de Deus pela natureza, reconhece todas as criaturas como irmãs, convida-nos a louvar e a cantar ao Deus Criador e também a cuidar daqueles que se encontram em situações de fragilidade.

No terceiro e último capítulo, de entre os vários âmbitos do cuidado no nosso tempo, escolhemos os cuidados em saúde e mais especificamente os cuidados paliativos e neles a questão da sedação. É um capítulo breve onde realçamos um campo do cuidar

em dimensão holística, isto é, que atende aos aspetos clínicos, psicológicos, espirituais que envolvem os doentes e as suas famílias.

Quanto à bibliografia indicamos a que utilizamos para cumprir o nosso objetivo na realização da nossa pesquisa foi importante para enriquecer e dar consistência ao nosso trabalho. Toda ela está referenciada em notas de rodapé e na bibliografia final.

I - CAPÍTULO

EMERGÊNCIA DO CUIDAR E DO CUIDADO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA.

O verbo cuidar, em português denota “atenção”, “cautela”, “desvelo”, “zelo”. Assume ainda características de sinónimo de palavras como “imaginar”, “meditar”, “prestar atenção” ou “prevenir-se”. Porém representa mais que um momento de atenção. É na realidade uma atitude de preocupação, ocupação, responsabilização e envolvimento afectivo com o ser cuidado.

Como uma atitude e característica primeira do ser humano, o cuidado revela a natureza humana e a maneira mais concreta de ser humano. Sem o cuidado, o homem deixa de ser humano, desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. Se ao longo da vida não fizer com cuidado tudo o que empreender, acaba por prejudicar a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Quando cuidamos da vida naturalmente estamos a recuar a morte, embora saibamos que nos acompanha mas, é preciso ter o cuidado objectivo para com a vida, caso contrário ela começa a perder o seu real sentido.

Neste primeiro capítulo apresentamos as reflexões de dois autores que prestaram particular atenção à temática do cuidado, referimo-nos à clássica fabula mito do cuidado e salientamos o papel que a ecologia trouxe para esta temática.

1. Perspectivas do cuidado em Martin Heidegger

Martin Heidegger (1879-1976), o filósofo por excelência do cuidado, na sua obra *Ser e Tempo*¹, nos parágrafos 42 e 65, esclarece o aspeto filosófico e pedagógico do cuidado. Nestes dois parágrafos define o cuidado como o ser do “ser-aí”; isso significa que o cuidado toma para si esta condição, por ser a totalidade em que o “ser aí” se torna igual ao ser no mundo.

Para Martin Heidegger, o cuidado pode ser entendido como ato, o qual ocupa um sentido ôntico, ou como possibilidade, um sentido que vai além do ato, além do que se pode perceber, ocupando um sentido ontológico. Para ele, o cuidado contempla o modo positivo de cuidar dos entes; não é sinónimo de bondade, é entender autenticamente o que é importante.

O cuidado é o ser do “ser-aí”, e a facticidade aparece aqui como o já-ser-em (*In-sein*), ou seja, a constatação do *factumdo* “ser-aí” no mundo. O *cuidado* (*Sorge*) é definido como o ser do *Dasein*, o que vale a dizer que, para Heidegger, o cuidado tem uma função fundamental na constituição do ser humano e, enquanto tal, é ontologicamente estruturado na e pela temporalidade.

O cuidado também é, do ponto de vista da constituição ontológica – existencial do estar-no-mundo, preocupação, angústia, não só do momento presente, mas também do que virá². Esta mesma preocupação não se restringe só ao próprio, mas diz respeito também aos outros. Com efeito, nós, não só temos cuidado, mas somos cuidados, eu sou cuidado. Esta condição entra na constituição humana. Não é possível imaginarmo-nos a viver sem cuidado; sem o cuidado, deixaríamos de ser humanos. Daí ele revelar as

¹ M. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Editora Vozes, 2012.

² Cf. *Ibidem*, 255-256.

condições de possibilidade, para se pensar a perspectiva da vida humana integrada na família, para que possa abrir-se ao mundo, e ser o modo essencial da relação humana. É o desempenho do próprio cuidado³.

Para o autor, o “ser-aí” não é um ente que só sobrevenha entre outros entes. Ao contrário, o “ser-aí” é onticamente assinalado, pois para esse ente o que está em jogo é ser ele próprio⁴, esse mesmo “ser-aí”. Confunde-se com o seu “ser-aí” no mundo e entende-se a partir da existência; a saber, a partir de sua possibilidade de ser em si mesmo ou de não ser em si mesmo⁵. Demonstra-se como um ser de cuidado, como Preocupação. A sua essência é o cuidado⁶. Para Heidegger o modo como o “ser-aí” deve cuidar, parte do questionamento do sentido do próprio ser, do “ser-aí”. Quando este se dá com os outros seres no mundo, sente que nele há uma atitude de cuidado que deve ter com os outros, e abre possibilidades aos outros na sua existência e na sua capacidade de escolher.

O autor não só faz um traçado das características do “ser-aí”, como indica a forma como ele se relaciona no cuidado que tem para com outros ser-aí existentes no mundo. E assim apresenta o Ser do “ser-aí” como cuidado (preocupação)⁷.

De acordo com Martin Heidegger, o “ser-aí” tem duas maneiras de agir no mundo: a ocupação e a preocupação com o outro. A preocupação vai no sentido de um ser aberto a possibilidades estando em relações. Heidegger não isola o “ser-aí” em si mesmo.

³ Cf. *Ibidem*, 257.

⁴ Cf. *Ibidem*, 59

⁵ Cf. *Ibidem*, 61.

⁶ Cf. *Ibidem*, 257.

⁷ Cf. *Ibidem*, 256.

Em cada encontro, o “ser-aí” tem um modo de estar que está marcada pela sua Preocupação, que é o cuidado. No entanto, quando o “ser-aí” se relaciona com os entes utilizáveis, ficará logo com as marcas da ocupação *-Besorgen*. Será pela preocupação-com-o-outro *-Fürsorge* que se apercebe do cuidado a ter com o semelhante. Há uma liberdade de acordo com o modo de ser dele. Não vê o outro como instrumento⁸.

Este ser preocupa-se, cuida-se e tem cuidado. Esse caminho deve ser traçado na vida, sabendo nós que o cuidado, a preocupação, é inerente ao nosso ser no mundo. O cuidado surge quando a existência de alguém é importante para mim; Há uma atitude de dedicação, em que se participa na vida do outro, em geral⁹.

Para Heidegger a preocupação é o modo estrutural de ser do “ser-aí” que antecede a postura dele perante os demais entes (ocupação) e com outros “ser-aí” (preocupação-com, o cuidado com). Este aspecto acaba por ligá-lo à projeção do “ser-aí” no mundo. Um ente é entendido, isto é, projectado em sua possibilidade, é apreendido no querer como um ente do qual se ocupe, ou como um ente a ser conduzido ao seu ser pela preocupação-com-o-outro¹⁰.

A solicitude do cuidado com o outro, ou seja, a preocupação-com, é um elemento constitutivo do homem. Faz parte de seu *modo-de-ser*. Quando este se relaciona com os outros, a marca da preocupação, do cuidado, evidencia-se. Esse conceito heideggeriano ilumina a postura do homem em relação ao outro. Quando não há uma relação de afeto, de amor no cuidado, vemos sinais de decadência de tudo. Porém, hoje vê-se que as relações têm sofrido transformações, caindo no perigo da

⁸ Cf. *Ibidem*, 343.

⁹ Cf. *Ibidem*, 91.

¹⁰ *Ibidem*, 543.

indiferença, criando um ambiente pouco fraterno, onde o cuidado se desvanece em egoísmo, individualismo no sentido de exibição.

Não podemos pensar o cuidado apenas como a teorização sobre a ação e vê-lo como uma estrutura única ou simplista. O mundo tem as suas mudanças, onde o exercício de cuidar deve considerar o estado permanente de desenvolvimento pessoal e suas transformações. O movimento constante do cuidado como acto, manifesta-se na prática diária com todas as normas e rotinas estabelecidas. E não se esgota aí; o cuidado ocupa um espaço que pode ser desvelado.

2. Centralidade do cuidado. Perspetiva de Leonardo Boff

Para Leonardo Boff:

“O cuidado é um modo de ser, é a forma como a pessoa humana se estrutura e se realiza no mundo com os outros. Melhor ainda: é um modo de ser-no-mundo que funda as relações que se estabelecem com todas as coisas. Fundamentalmente, há dois modos básicos de ser-no-mundo: o trabalho e o cuidado”¹¹.

Quanto ao primeiro aspeto diz que, com o passar dos tempos, o homem tem mudado a sua visão das coisas, deixando de ver o trabalho como mero meio de interagir, de forma a haver uma harmonia entre todos na sociedade e sua evolução face à natureza. Pelo contrário, o homem transformou-se em dominador, manifestado num querer exagerado para obter tudo o que lhe apraz, usufruindo da natureza, esquecendo que é ela que lhe deu a vida e que tem o mesmo Criador. Muitas vezes, importa-se mais com

¹¹ L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 1999¹⁶, 92.

aquilo que pode ganhar, sem valorizar os meios¹². Cai no domínio das coisas, sem o devido respeito.

Quanto ao cuidado afirma que é mais do um acto singular, mais do que uma virtude ao lado de outras; é modo de ser, é a forma como a pessoa humana se estrutura, se realiza através das suas diversas relações¹³. Tais relações envolvem a sua pessoa, os outros, a natureza e Deus.

Segundo ele, o cuidado é exigido geralmente em todas as esferas da nossa existência, a começar pelo cuidado com o corpo, com os alimentos, com a vida na dimensão intelectual e espiritual; enfim, de modo geral, com todas as dimensões que compõem a vida¹⁴.

Refere-se também à etimologia da palavra.

“Alguns estudiosos derivam cuidado do latim *cura*. Outros ainda defendem que tem a derivação de *cogitare - cogitatus* e de sua corruptela *coyedar, coidar*, cuidar. Entretanto o sentido de *cogitare - cogitatus* é o mesmo de *cura*: cogitar, pensar, colocar atenção, mostrar interesse, revelar uma atitude de desvelo e preocupação”¹⁵.

É mesmo fundamental que saibamos ter a consciência clara do cuidado que somos e que devemos ter em geral.

Diz ainda que a palavra “cuidado”, que inúmeras vezes proferimos, vem ganhando alma e real valor quando conhecemos melhor a sua verdadeira representação. Com efeito, se cuidar é nada mais nada menos que *cogitar*, pensar; entre outras aceções, então é nítido que o cuidado está impresso na nossa natureza humana. Se o colocarmos

¹²Cf. *Ibidem*, 94.

¹³ Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário, na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, Petrópolis, 2013, 92.

¹⁴ Cf. *Ibidem*, 27.

¹⁵ L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 90-91.

no exterior da essência humana cuidadosa, estamos a fazer emergir o nosso “eu” superior e anterior a toda a ideia. É preciso ver que “não temos cuidado, somos cuidados”¹⁶. Quem é humilde, zeloso, possuindo o sentido de responsabilidade para com a vida e o meio onde vive, em geral, preocupa-se com o bem-estar de tudo. Tem a capacidade de fazer valer o essencial do cuidado, desenvolvendo de modo primordial as boas relações para com todos, inclusive para com a própria natureza. Vive assim as virtudes.

O cuidado é uma forma de amor, e o amor é uma caracterização do próprio cuidado¹⁷. Ora, ao cuidarmos, pomos em evidência e fazemos valer integralmente o cuidado para conosco e para com a vida em geral. Uma coisa é certa: quando temos o devido cuidado no cuidar, estamos a pôr cuidado e a manifestá-lo nas nossas ações. Com o passar do tempo, virá a ser natural em cada ação ou ato do nosso viver de cada dia.

Há que ter a devida consciência de que é o próprio cuidado que nos faz ser responsáveis. Outrossim, ao descuidarmo-nos, saindo fora da sua órbita, acabamos por imergir numa via onde ficamos perdidos e perdemos outros seres. É muito importante sabermos que, se não déssemos primazia ao cuidado e ficássemos sem ele, acabaríamos por ter uma atitude negativa para conosco e para com a própria natureza, destruindo-a. Deixaríamos de ter a nossa dignidade e, assim, viveríamos de forma totalmente desintegrada do nosso habitat.

É preciso saber que “o cuidado possui uma dimensão ontológica que entra na constituição do ser humano. É um modo-de-ser singular do homem e da mulher. Sem

¹⁶ *Ibidem*, 89.

¹⁷ Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário- na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, 65.

cuidado perdemos a nossa identidade de seres humanos”¹⁸, e perguntamos: neste caso, o que seremos? Talvez qualquer coisa, menos pessoa.

O autor que referimos continua dizendo que temos necessidade do nosso semelhante. Por outro lado, como humanos que somos, conhecemo-nos e reconhecemo-nos através do nosso semelhante, seja ele quem for. O convívio, quando é fraterno, abre caminhos para lançar de modo exímio novas e belas virtudes transformadoras do mau que há em nós. A abertura fraterna facilita a forma de vermos como nos relacionamos, para assim nos descobrirmos a nós mesmos e podermos ter menor margem de engano. Não podemos cair na aventura de viver a vida de modo descuidado, porque então matamos o cuidado e a humanidade deixa de ser o que é, pois umeu somente se constitui mediante o diálogo com o tu¹⁹. Há que fazer valer o cuidado mútuo.

Leonardo Boff, ao tratar da questão do “cuidado necessário” e do “saber cuidar”, afirma que, assim como o cuidado é intrínseco à humanidade, assim também o seu contrário, ou seja, o descuido, é parte integrante da nossa natureza. Nós somos fracos e fortes, na medida em que cada um de nós tem consigo atitudes, emoções, sentimentos que se relacionam entre si, podendo estar bem ou mal em determinados momentos da nossa vida, tornando as coisas fáceis ou complicadas à nossa volta. Mas esta contradição supera-se na medida em que cada um tenha consciência do que deve e não deve fazer. As pessoas mais vulneráveis precisam de maior atenção. Quem age de modo negativo e falta com a sua responsabilidade destrói-se a si e destrói os outros²⁰.

Todos devemos ter consciência de que precisamos do cuidado e de cuidar daqueles que precisam. Também somos responsáveis pelo cuidado da nossa Mãe Terra.

¹⁸ L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 89.

¹⁹ *Ibidem*, 139.

²⁰ Cf. *Ibidem*, 160.

Muitas vezes achamos que somos e que temos responsabilidades acrescidas, e não nos importamos com muitas coisas essenciais para manter viva a chama do cuidado a ter para conosco e com todos, acabando por trazer conflitos interiores e exteriores, que afastam os bens essenciais, como a própria vida e seus reais valores.

Muitos são os meios usados por nós que danificam a natureza humana e ambiental. Queremos ter glórias e sermos aplaudidos em resultado de ações destruidoras, sem mínimo sentido de cuidado; agimos mal, isso tem-se visto no nosso quotidiano. Estamos a colher frutos podres da nossa irresponsabilidade e do descuido. É urgente rever a outra face da nossa humana responsabilidade e missão que Deus nos confiou.

Leonardo Boff alerta-nos para a necessidade de se procurar uma nova forma de cuidar e de saber cuidar, de modo claro e objectivo, sem interesses próprios, para que o cuidado não fique alheio à vida humana. O cuidado está intimamente ligado à vida, daí que cada um deva procurar ser melhor nas suas relações afetivas com tudo e consigo mesmo.

Por outro lado, salienta que hoje uma boa parte das sociedades têm estado a viver num estado enfermo. Consequência da má qualidade de vida que se proporciona, quer para os seres humanos, quer para a natureza e outros seres. Quer-se dominar, apoderar-se de tudo e de todos, explorando a própria natureza. Muitos dos trabalhadores são forçados a trabalhar de modo desonesto e desencarnado de humanidade, e sem respeito²¹. Há que ter um espírito de proteção, de cuidado, para que se possa viver num ambiente sadio, dando maior solidez à vida na terra. O amor à natureza é um dever de todos nós.

²¹ Cf. *Ibidem*, 136-137.

Quiçá, hoje, temos a capacidade de levar mesmo a sério o respeito pela natureza como outrora levou São Francisco de Assis, que, como ninguém, soube amar e cantar a beleza da natureza. Por isso, compôs a “Cântico das Criaturas” ou do “Irmão Sol”, dando a todos os seres o nome de irmãos e irmãs. Precisamos de saber cuidar e cuidar bem daquilo que nos foi dado como um dom; é nossa missão o cuidado de tudo.

No passado trabalhava-se de modo mais saudável, amável, respeitável, o que trazia mais encanto e proporcionava menos riscos à vida na natureza. Em nossos dias vemos que o uso desapropriado dos bens da natureza, leva a humanidade a ser refém do poder e da ganância, agindo de maneira violenta em todas as formas de vida²². A forma e a maneira como temos trabalhado tornou-se num domínio. Disso estamos a ter as consequências: “É a conquista do outro, da natureza, na forma do submetimento puro e simples. Esse modo de ser mata a ternura, liquida o cuidado e fere a essência humana”²³. Os vários meios, alguns até desonestos, que se têm usado para competir no mundo do trabalho, abalam a essência do cuidado e da própria vida da natureza. Isso tudo leva à desumanização, à displicência no cuidado e na filosofia do cuidado a ter com tudo que a vida contém.

O autor diz que a dupla “cuidado” e “cuidar” constitui a energia fontal e seminal que vai construir, ao longo do tempo e do espaço, a humanidade do ser humano. Sucede que o primeiro nos aparece como uma atitude amorosa, acolhedora e também envolvente. Tem o pressuposto da vulnerabilidade do ser humano com alguns riscos. Esse cuidado é necessário. No segundo emerge a aceção de “cuidado” como

²² Cf. *Ibidem*, 93-95.

²³ *Ibidem*, 97-98.

preocupação, apreensão, receio de que a vida humana possa ser ameaçada. Há que ter a preocupação para com a outra pessoa²⁴.

O cuidado, como atitude e característica primeira do ser humano, revela a natureza humana e a sua maneira de agir mais concreta. Sem o cuidado, o homem deixa de ser humano, desestrutura-se, definha, perde o sentido e morre. Se ao longo da vida, não fizer com cuidado tudo o que empreender, acaba por prejudicar-se a si mesmo e por destruir o que estiver à sua volta. Quando cuidamos da vida, naturalmente estamos a recuar a morte, embora saibamos que nos acompanha. Ao cuidarmos de nós e da natureza, damos sentido à vida.

O cuidado é da essência humana, expressa-se em dois movimentos que não se podem dissociar: a vontade de cuidar e a necessidade de ser cuidado. Estes dois movimentos estão patentes na nossa vida e acompanham-nos sempre, nas dificuldades, nas alegrias e nas tristezas²⁵. Isso tem uma carga substancial na nossa vida quotidiana. O importante é saber cuidar de modo adequado para melhor cuidar e ser cuidado.

O cuidar envolve a percepção dum outro, que é um ser; envolve uma sensibilidade para que haja empatia, respeito, evitando o domínio, o egoísmo, a desarmonia e o desrespeito pelo outro. Quando se cuida, deve usar-se acima de tudo o carinho e o afecto, para que o cuidado não se torne numa acção destruidora e desumana.

“Ser cuidado” envolve humildade para aceitar o momento de carência e necessidade, envolve respeito consigo mesmo, envolve também a empatia para escolher quem pode ser o “cuidador”. Aqui entram também as capacidades de escolhas afectivas.

²⁴ Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário, na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, 58-59.

²⁵ Cf. *Ibidem*, 31.

Ser cuidado requer abrir mais de si, até para si mesmo, pois o primeiro passo é reconhecer-se aberto a receber.

O mesmo autor fala também dos problemas que atingem as pessoas e o mundo face à falta de cuidado. A solução está em o ser humano conseguir cuidar de si, das pessoas e também do próprio mundo. Cuidar, como ele diz, é mais que um simples acto, é um sentimento, é uma atitude, é algo que faz com que ele se envolva com os outros e com as outras coisas²⁶.

O Cuidado é primordial, é anterior ao homem e está na sua existência, é um início temporal; existe no humano como energia que jorra constantemente. É a força originária do homem que, na sua ausência, seria somente um bocado de argila como outro qualquer existindo por aí, sem carne e fora do tempo²⁷. Seria algo sem valor algum para vida, porque certamente sem vida.

3. Fábula-mito do cuidado

Os dois autores que seguimos citam em latim e fazem a tradução da clássica fábula-mito do cuidado de Caio Júlio Higinio (*Gaius Julius Higinus*)²⁸. Esta é considerada uma das raízes históricas da antropologia do cuidado e a sua posterior conversão em formas práticas de assistência. A mesma oferece-nos uma boa reflexão sobre o "cuidado". Considera o homem como um ser de “cuidado”.

²⁶ Cf. *Ibidem*, 17-27.

²⁷ Cf. BOFF, L, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 101.

²⁸ Cf. *Ibidem*, 49-51.

Eis o texto:

“Certo dia, ao atravessar um rio, Cuidado viu um pedaço de barro. Logo teve uma ideia inspirada. Tomou um pouco do barro e começou a dar-lhe forma. Enquanto contemplava o que havia feito, apareceu Júpiter. Cuidado pediu-lhe que soprasse espírito nele. O que Júpiter fez de bom grado. Quando, porém, Cuidado quis dar um nome à criatura que havia moldado, Júpiter o proibiu. Exigiu que fosse imposto o seu nome. Enquanto Júpiter e Cuidado se discutiam, surgiu, de repente, a Terra. Quis também ela conferir o seu nome à criatura, pois fora feita de barro, material do corpo da Terra. Originou-se então uma discussão generalizada. Do comum acordo pediram a Saturno que funcionasse como árbitro. Este toma a seguinte decisão que pareceu justa:

“Você, Júpiter, deu-lhe o espírito; receberá, pois, de volta este espírito por ocasião da morte dessa criatura. “Você, Terra, deu-lhe o corpo; receberá, portanto, também de volta o seu corpo quando essa criatura morrer. Mas como você, Cuidado, foi quem, por primeiro, moldou a criatura, ficará sob seus cuidados enquanto ela viver. E uma vez que entre vocês há acalorada discussão acerca do nome, decido eu: esta criatura será chamada Homem, isto é, feita de húmus, que significa terra fértil”²⁹.

Martin Heidegger trata desta fábula mito³⁰. Como já dissemos desenvolve sua reflexão relacionando cura, cuidado e atenção ao outro. Para ele, o significado último da existência humana está no seu ser-no-mundo-com- o outro. Nesse contexto, a identidade própria do humano é construída na coexistência e na inter-relação. Na base dessa percepção está o cuidado, compreendido como solicitude, dedicação e inquietação pelo outro. O seu pensamento é construído a partir da releitura da fábula de Higino. Nela, o Deus Cuidado, Júpiter e a Terra discutem para dar ao ser humano um nome que lhe dissesse para sempre o modo próprio de ser.

O autor vê esta fábula-mito como um testemunho pré-ontológico da doutrina do cuidado. Mas ele não o vê a cuidado como se fosse algo melancólico da vida do ser que

²⁹ Transcrevemos a tradução de Leonardo Boff, *Saber cuidar: ética do humano – compaixão pela terra*, 46.

³⁰ Cf. M. HEIDEGGER, *Ser e Tempo*, 263.

é onticamente o ser aí, que deve ser compreendido como cuidado. A importância desta figura mitológica, é tida como uma realidade que está na origem do homem e que o acompanha por toda vida. Porém este testemunho ganha maior relevo precisamente pelo fato de Heidegger não só o apresentar como um conceito fenomenológico, um conceito de homem como composto de corpo (terra) e de espírito, mas, porque vê no "cuidado" aquele a quem foi confiada o "ser humano" explicando que o ser do homem como um ser de carências tem necessidade de cuidado³¹.

Depois Leonardo Boff retoma a fábula-mito, e diz que o “cuidado” é precisamente o protagonista e é tido como uma divindade, que gera e plasma o homem. Nota-se que Higino personifica a dimensão do “cuidado”³². Sem esse cuidado, o humano não existiria³³.

Nesta fábula-mito o espírito humano é representado pelo Júpiter, mostrando o cuidado que temos no nosso interior. Ele representa a dimensão celestial de transcendência do ser humano³⁴. O autor defende que

“O cuidado foi tão importante para a vida humana e para sua preservação de todo o tipo de vida, que deu origem a uma fábula-mito. Foi personalizado, virou um ser concreto. Essa fábula-mito elaborada pelo Higino, vem explicar o sentido do cuidado para a vida do homem”³⁵.

³¹ Cf. *Ibidem*, 264.

³² L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 55.

³³ Cf. L. BOFF, *O cuidado necessário, na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, 55-58.

³⁴ Cf. L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 62.

³⁵ *Ibidem*, 60.

Portanto essa fábula-mito acaba por testemunhar que não se pode defender que o ser humano seja apenas a feito a partir da terra, porque possui algo do divino, o princípio da vida e o espírito e assim deste modo tornou-se ser humano completo³⁶.

4. O emergir do cuidado da natureza e a ecologia

O surgimento da preocupação pelo “cuidado” e pelo “cuidar” está estritamente ligado à emergência da ecologia. É uma ciência, da qual, desde há alguns anos para cá, se fala em todo lado. Para uns, é a ciência do ambiente, que deveria salvar a humanidade dos inconvenientes da civilização, para outros, é a ciência da poluição³⁷. Podemos verificar a carga incompleta que estas concepções encerram.

O termo “ecologia” foi criado em 1866 pelo biólogo e zoólogo alemão Ernst Haeckel (1834-1919), um dos maiores discípulos de Charles Darwin. Deriva da junção de duas palavras gregas: *oikos* (casa) e *logia* (ciência). Associado ao meio ambiente, refere-se a ele como a "casa dos seres vivos". As pesquisas sobre o assunto, no entanto, remontam à Antiguidade. Teofrasto, seguidor do filósofo Aristóteles, foi o primeiro a observar e a descrever as relações dos organismos entre si e com o meio que os cerca. Por isso, é considerado o primeiro ecologista da história³⁸. Hoje tem-se visto que se ampliou o campo de estudo da ecologia.

Michel Cuisin diz que ela é uma ciência de síntese, e que não seria agradável a separação dos animais e dos vegetais, quando se investiga; separá-los é estudar de modo

³⁶ Cf. *Ibidem*, 61.

³⁷ Cf. M. CUISIN, *O que é Ecologia?*, Lisboa, Iniciativas Editora, 1971, 11.

³⁸ Cf. J. MERINO, *São Francisco e a Ecologia*, Braga, Editorial Franciscana, 2007, 111-112.

desconjugado³⁹. A ecologia só ficou popular em 1967, quando o petroleiro Torrey Cânion sofreu um acidente em França e causou um grande problema ambiental.

A Comissão Teológica Internacional, tratando destas problemáticas, diz:

“O progresso técnico aumentou consideravelmente a nossa capacidade de controlar e dirigir as forças da natureza, mas também acabou exercendo um impacto imprevisto e talvez incontrolável sobre o nosso ambiente e até sobre o próprio género humano”⁴⁰.

Hoje assistimos a uma desenfreada ameaça à natureza. Isto contraria o ato da criação. Se não houver uma política de contenção e respeito pela mãe natureza, entraremos numa situação muito delicada.

Deus encarregou-nos de cuidar bem da natureza, e não de a danificar. Constatamos que o homem não realiza bem a sua missão; por isso estamos a sofrer consequências graves. É preciso renovar a consciência de que recebemos a missão de cuidar da natureza. O cuidado é o zelo, o desvelo, a preocupação que devemos ter com tudo o que faz parte da vida na natureza.

Não podemos cair no erro de esquecer que somos parte da natureza, e que temos para com ela a missão de a cuidar, e que ela se integra num processo evolutivo em conjunto com as forças da Terra. A natureza é uma realidade complexa e vasta, que nenhuma definição abrange no seu todo e em todo o seu mistério. O que sabemos, são discursos culturais sobre ela. Nela há harmonia e equilíbrio, não está centrada somente na vida, tem também um equilíbrio dinâmico entre a vida e a morte. A natureza não nos impede de sermos livres. Todos devemos ser livres e responsáveis quando cuidamos da

³⁹ Cf. M. CUISIN, *O que é Ecologia?*, 15.

⁴⁰ COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, in “*Civiltà Cattolica*”, IV, 6 de novembro de 2004, nº 1, 254.

natureza, quer da natureza humana quer de qualquer outra. O modo como trabalhamos deve corresponder à missão do cuidado e do cuidar⁴¹.

Ao cuidar devemos evitar coisificar, instrumentalizar. Há que valorizar a qualidade do trabalho, porque está presente no dinamismo da própria natureza. Pelo trabalho, os seres humanos formaram as culturas como modelação de si e da natureza. O modo como devemos relacionar-nos com ela deve ser de convivência e de interacção e de comunhão, e não de domínio inadequado que pode destruí-la⁴². Uma sã convivência advém dum bom modo de cuidar.

Como já dissemos, o meio ambiente não pode ser cuidado com critérios utilitaristas; isso pode destruir tudo. Na realidade, o cultivo da terra é missão de todo ser humano, sabendo que ela não é minha, não é algo que me pertence para me apoderar dela. A nossa produtividade tem estado a caminhar em direcção ao mercado, a uma produção, por vezes sem respeito, quando devia estar integrada num processo de maturação do homem, cuja responsabilidade é manter sã a natureza e o que contém.

A natureza tem sido ameaçada e sofre de inúmeras transformações que a destroem. Isso tudo vem das grandes transformações técnicas, que têm causado grandes desequilíbrios e iniquidade ecológica, exploração exagerada, desertificação, poluição atmosférica, pondo em risco a vida na Terra⁴³.

Não é que os avanços da técnica não tenham valor e tragam benefícios para a vida humana; mas, como sabemos, estão a ultrapassar-se os limites do respeito para com a mãe terra. Isso reflecte-se no risco que corremos, sobretudo se isso continuar do

⁴¹ Cf. L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 114-119.

⁴² Cf. *Ibidem*, 92-95.

⁴³ Cf. L. BOFF, *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática, 1995, 103.

mesmo modo desenfreado. Há que ter um cuidado sublime para com a terra. É uma crise que tem sua origem não só na exagerada forma de consumo por parte daqueles que têm muitos recursos, como também da grande falta de meios daqueles que nada ou pouco têm para viver.

Sabemos e bem que a terra tem condições para ser ocupada e ser cuidada com respeito. A natureza é sábia; devemos cuidar bem dela com afecto; esse cuidado leva-nos a viver com saúde.

O Papa Paulo VI, na *Encíclica “Populorum Progressio”*, diz que somos “herdeiros das gerações passadas e beneficiários do trabalho dos nossos contemporâneos, temos obrigações para com todos, e não podemos desinteressar-nos dos que virão depois de nós”⁴⁴.

O ser-cuidado deve caminhar lado a lado com o ser – trabalho. Assim, evita-se o uso desbaratado de ferramentas como se de sujeito se tratasse, pondo o mundo em risco de perder a vida. É preciso perceber que essa unidade favorece o desenvolvimento e o aperfeiçoamento dos seres vivos e de todas as coisas que existem na terra, sem ameaçar e pôr em risco a permanência da vida, a sua dignidade, o seu crescimento e a convivência harmoniosa entre todos os seres. Com a presença do cuidado no ser-trabalho, as relações são de harmonia e não de dominação, pois que o sujeito interage conscientemente diante da sua responsabilidade, dando importância e fazendo valer o equilíbrio entre todas as formas de vida. Assim, o homem acaba por perceber que não é o senhor, não dando azo a trabalhos que põem em causa a dignidade de outrem, nem

⁴⁴ Cf. PAULO VI, *Encíclica “Populorum Progressio”*, 17, Braga, Secretariado Nacional do Apostolado Oração, 1967.

permitindo a destruição da natureza. “A centralidade não é mais ocupada pelo logos razão, mas pelo pathos, sentimento”⁴⁵.

Urge ter em mente a passagem da Sagrada Escritura, a que nos referiremos depois, e que é um autêntico hino à criação; por isso respeitemo-la. O próprio Deus é o verdadeiro Criador de tudo o que a natureza contém; é o Criador da própria natureza. Deus cria tudo de modo belíssimo e inigualável. Surge aqui como um oleiro que vai criando e, ao mesmo tempo, como aquele que dirige uma orquestra, dando-lhe vida e forma, como numa bela sinfonia da criação. Deus criou o homem e a mulher, colocou-os no jardim, com a missão de o cultivar e cuidar. A terra tem potencial para a vida humana, o homem tem a responsabilidade de cuidar, cultivar e trabalhar para preservar a vida que nela existe e fazendo-se «senhor» dela, à maneira de Deus, colaborando com Deus.

Praias atingidas pelas chamadas marés negras, derrames de petróleo e outros incidentes menores, como a frequente lavagem de tanques no alto mar, são actividades que muito afetam o ambiente marinho. Os esgotos das cidades e os fertilizantes das terras agrícolas são alguns dos factores que muito contribuem para que haja uma rápida agressão ao plâncton vegetal, alterando assim o equilíbrio existentes nas algas⁴⁶. Os oceanos têm subido aos poucos e, assim, são ameaçadas as pessoas⁴⁷. Estes são problemas que, de uma maneira ou de outra, afetam a humanidade. Não podemos cair no esquecimento da devastação florestal e da fauna mundial. Sem esses seres vivos,

⁴⁵ L. BOFF, *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, 94.

⁴⁶ Cf. R. EARL, *As costas e estuários. O virar da maré*, in PORRITT, Jonathon (org), *Salvemos a Terra*, Edição Civilização, 1992, 162-163.

⁴⁷ Cf. C. LORIUS, *Porque sobem as águas?* in “*Público Magazine*”, nº 825, (7.6. 92), 56.

como seria a nossa vida neste planeta? É preciso pôr cobro a essas situações, instruindo as pessoas para uma consciência generalizada de proteger e cuidar o ambiente.

Tudo isto ocorre precisamente neste nosso mundo, aquele que nos foi dado como dom gratuito, para que dele pudéssemos cuidar e usufruir para o bem comum e da humanidade em geral. Contudo, vemos o nosso mundo cada vez mais devastado. O Papa João Paulo II dizia: “Importa-nos ainda acrescentar que se não obterá o justo equilíbrio ecológico se não forem primeiro enfrentadas directamente as formas estruturais de pobreza existentes no mundo”⁴⁸, e mais a diante: “Existe no universo uma ordem que deve ser respeitada; e a pessoa humana, dotada da possibilidade de livre escolha, tem uma grave responsabilidade na preservação desta ordem, também em função do bem-estar das gerações futuras”⁴⁹.

Poucos foram capazes de louvar as criaturas, de se irmanar a todas elas, de se sentir responsável por cada um dos seres criados como o foi São Francisco de Assis de que falaremos mais adiante. Ao cuidar da natureza devemos aperfeiçoá-la, não destruí-la ou fazer dela algo exclusivo. A natureza é um imprescindível bem comum para a humanidade.

⁴⁸ JOÃO PAULO II, *Paz com Deus Criador. Paz com toda a criação, Mensagem para a celebração do XXII dia Mundial da Paz*, Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 8 de dezembro de 1989, 2.

⁴⁹ *Ibidem*, 5.

II – CAPÍTULO

REFERÊNCIAS BÍBLICAS E TEOLÓGICAS

DO CUIDAR E DO CUIDADO.

Referimo-nos ao Antigo Testamento e ao Novo Testamento. No Antigo estudamos, em primeiro lugar, os dois primeiros capítulos do Génesis, onde se fala da criação e do cuidado para com ela. Depois fazemos referência ao cuidado para com as pessoas vulneráveis. Em relação ao Novo referiremos a ação de Jesus enquanto cuidador dos fracos e doentes e à comunidade cristã no cuidado com os pobres. Ou seja, depois da indicação ao cuidado para com a criação em geral, assinalaremos o cuidado para com as pessoas vulneráveis. Terminaremos este capítulo destacando a figura de São Francisco de Assis no cuidado com a natureza e as pessoas.

1. Deus criador e o homem cuidador: encargo, responsabilidade, poder e limites.

O Criador criou por amor as suas criaturas. Ele as criou de modo a habitarem terra que era informe e vazia. Vejamos:

“No princípio, Deus criou os céus e a terra. A terra era informe e vazia. As trevas cobriram o abismo e o Espírito de Deus movia-se sobre a superfície das águas”. Deus disse: “Faça-se a luz”[...] “haja um firmamento entre as águas para as manter separadas umas das outras” [...] “reúnam-se as águas que estão debaixo dos céus num único lugar, a fim de aparecer a terra seca”[...]“que a terra produza verdura, ervas com sementes, árvores frutíferas que dêem frutos sobre a terra, segundo as suas espécies, e contendo

semente” [...] “haja luzeiros no firmamento dos céus para diferenciarem o dia da noite e servirem de sinais determinando as estações, o luzeiros no firmamento dos céus para iluminarem a terra” [...]“que as águas sejam povoadas de inúmeros seres vivos, e que na terra voem aves, sob o firmamento dos céus” [...]“que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis, e animais ferozes, segundo as suas espécies”(Gn 1,1-3.6.9.11.14-15.20.24)⁵⁰.

Depois de ter criado todos os seres, estava a faltar a criação do homem e assim sucedeu: Depois, Deus disse:

“Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra. Deus criou o ser humano à sua imagem, criou-o à imagem de Deus; Ele os criou homem e mulher. De seguida abençoando-os, Deus disse-lhes: Crescei e multiplicai-vos, enchei e dominai a terra. Dominai sobre os peixes do mar, sobre as aves dos céus e sobre todos os animais que se movem na terra” (Gn 1, 26-28b).

É uma missão que lhe é entregue que é “cultivar o solo” (Gn 2,5)⁵¹. Vejamos Gn 2,15 “O Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e guardar”. Já antes em Gn 2, 8, depois de formar o homem, “o Senhor Deus plantou um jardim no Éden, ao oriente, e nele colocou o homem que tinha formado”. Embora isso talvez pareça indicar que a criação do homem se deu fora do jardim, pode referir-se simplesmente a que Deus “tomou” o homem no sentido de formá-lo e criá-lo dos elementos terrestres, e daí designá-lo para morar inicialmente no jardim no qual obteve vida.

O cultivo e o cuidado de guardar o jardim era a tarefa designada ao homem. O homem deve “guardar” o pomar no sentido de “cuidar atentamente”, “manter e

⁵⁰ A Bíblia que usamos é a Bíblia Sagrada Africana, da Paulinas Editora.

⁵¹ Cf. A. VAZ, *A Visão das Origens em Génesis 2, 4b – 3,24, Coerência Temática e Unidade Literária*, Lisboa, Edições Didaskalia – Edições Carmelo, 1996, 344.

preservar a sua continuidade”, “prestar-lhe atenção”, “ser responsável por ele”, para que ninguém mais entrasse nesse recinto que lhe é exclusivo. Ali é o seu campo normal de trabalho⁵². Essa tarefa cabe ao homem executar com cuidado. As árvores e as plantas do Éden incluíam plantas de beleza cénica, bem como as que o proviam de alimento em ampla variedade (cf. Gn 2, 9-15). O homem tinha a tarefa do trabalho agrícola. Esse trabalho torna-o verdadeiro ser humano⁵³.

A relação entre Criador e criatura é uma relação da criação continuada (cf. Gn 1, 26-27 e 2,7). Ele criou o Universo, mas continua a criá-lo ao longo do seu devir. Quando dizemos que Ele é Criador, significa que Deus se comunica, se dá, e, ao mesmo tempo, chama a todos a participar no banquete da própria existência e da vida⁵⁴. Deste modo Ele manifesta o esplendor da sua glória, porque somos o dom gratuito da sua bondade e infinitude⁵⁵. Cabe a cada homem cuidar do jardim onde o Criador o colocou com o encargo e a responsabilidade de cultivar e cuidar.

Na sequência da ação de Deus: “Façamos o ser humano à nossa imagem, à nossa semelhança, para que domine sobre os peixes do mar, sobre as aves do céu, sobre os animais domésticos e sobre todos os répteis que rastejam pela terra” (Gn 1, 26), a tarefa do homem é cultivar e cuidar do jardim do Éden e ser sustentado por ele. Aqui está um dos princípios básicos do desenvolvimento auto-sustentável relacionado com o meio ambiente, um assunto muito discutido e debatido actualmente.

⁵² *Ibidem*, 350.

⁵³ *Ibidem*, 337-339.

⁵⁴ Cf. G. FROSINI, *A Teologia hoje – síntese do pensamento teológico*, Porto, Editorial do Perpétuo Socorro, 2001, 122-123.

⁵⁵ Cf. I. PINHO, *O Homem pessoa e vida – Reflexões Humanas e Cristãs*, Braga, Editorial Apostolado Oração, 1992, 55.

A Bíblia afirma que Deus criou um Jardim e mandou o homem (Adão) a “cuidar e o guardar” (Gn 2,15), bem como “dominar” os animais que nele se encontram (Gn 1,28). A expressão “para que domine” é a atribuição da responsabilidade do homem como o regente de Deus na terra. Deus deu esta capacidade ao homem de “dominar” e “sujeitar” a terra, e tudo o que nela há. Cabe ao homem aceitar esta tarefa com muita responsabilidade e cuidado da criação divina, preservando e administrando tudo de modo sábio, numa mudança de atitudes, com uma nova prática de vida, renovando o entendimento, com a não-violência.

A sétima obra retrata a criação de seres vivos na terra: “Deus disse: «Que a terra produza seres vivos, segundo as suas espécies, animais domésticos, répteis e animais ferozes, segundo as suas espécies.» E assim aconteceu. Deus fez os animais ferozes, segundo as suas espécies, os animais domésticos, segundo as suas espécies, e todos os répteis da terra, segundo as suas espécies. E Deus viu que isto era bom” (cf. Gn 1, 24 – 25).

O homem encontra-se em estado de graça e de amizade com o seu Criador⁵⁶. Assim realça a importância que ele tem perante as outras criaturas, ele que foi o único a ser abençoado. O autor conclui dizendo que era “muito boa” (cf. Gn 1, 31). Com isto vemos a superioridade da obra que é o homem. Porém este tem de se alimentar e recebe a missão de trabalhar e cuidar do campo. O homem surge como dominador da terra e dos animais. Porém, o homem pode tornar-se um animal feroz, caso não cumpra o mandato de cuidar com cuidado a natureza e suas criaturas, isto é, a missão que lhe é confiada. Ele só é homem quando se liga à imagem e à semelhança de Deus. O homem deve ser senhor da criação pela palavra, mas não como Deus o é.

⁵⁶ Cf. G. RINALDI, *A Introdução à Leitura Bíblica*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1970, 58.

Segundo a apresentação bíblica, o homem foi feito do pó da terra e, assim, pode ver-se solitário para com a terra e o universo também criado. Depois “o Senhor Deus levou o homem e colocou-o no jardim do Éden, para o cultivar e, também, para o guardar” Gn 2,15⁵⁷. Ele tem a obrigação de saber cuidar da terra para que a mesma possa produzir alimentação que lhe seja útil para a sobrevivência: dela nos vem o sustento. É perceptível a relação íntima do homem com o Criador, que lhe dá relevo e dignidade. A sua formação é o tema-chave do relato; o primeiro sinal do seu carácter antropológico⁵⁸, pois o homem não se contenta em permanecer fechado em si mesmo. Assim reconhece que lhe corresponde profundamente viver por um ideal, por uma finalidade, último encontro definitivo com o seu Criador.

A missão do homem é cuidar do jardim, de si e do ambiente à sua volta. O texto traduz a missão do povo na terra. Assim sendo, é possível perceber que este jardim não é uma referência estritamente à Terra Prometida, mas representa o mundo todo. É esta Terra que Deus promete ao homem e que ele tem a missão de cuidar, para que tudo esteja em harmonia. Com efeito, ele é não só intermediário como mediador e colaborador do Criador, ao conduzir a criação à sua plenitude. Isso requer que o Homem seja responsável, sabendo que o mundo vem de Deus e para Ele voltará; O mundo tem a sua origem em Deus; o homem é chamado a ter o domínio sobre a natureza na sua relação pessoal com os outros e com Deus. As outras criaturas estão em função do Homem sendo este criado à imagem e semelhança de seu Criador⁵⁹.

⁵⁷ Cf. J. E. TERRA, *A Bíblia e a natureza*, São Paulo, Edições Loyola, 1986, 25.

⁵⁸ Cf. A. VAZ dos Santos, *A visão das Origens em Génesis, 2,4b – 3, 24*, 134.

⁵⁹ Cf. A. COSTA, *Génesis – do sonho à esperança da Terra Prometida*, in “IX Semana Bíblica Nacional”, *O Homem como responsável da criação*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1987, 178 – 179.

2. Cuidar das pessoas em estado de necessidade

Depois de termos referido o cuidado para com a criação em geral, referimos agora o cuidado para com as pessoas vulneráveis. Às vezes, a expressão “pobres” de Deus, não é bem recebida em muitos círculos, sob a alegação de exclusão. Mas a verdade é que Deus ama os pobres, não só pelo facto de serem pobres, mas pela contingência de exclusão. Quem não os recebe fica de mãos vazias diante d’Ele. O Antigo Testamento é rico nesses ensinamentos, a partir das práticas sócio fraternas. O amor de Deus está sempre presente em favor dos empobrecidos:

“Não usarás de violência contra o estrangeiro residente nem o oprimirás, porque foste estrangeiro residente na terra do Egito. Não maltratarás nenhuma viúva nem nenhum órfão. Se tu o maltratares, e se ele clamar a mim, hei-de ouvir o seu clamor; a minha ira inflamar-se-á e matar-vos-ei à espada, e as vossas mulheres ficarão viúvas e os vossos filhos ficarão órfãos(Ex 22, 20-30) ”.

E será abençoado aquele que mostrar o cuidado e a protecção incondicional para com os mais necessitados, nada lhe faltará e o Senhor estará sempre a seu lado (cf. Dt 15, 4). A pobreza é uma realidade dramática existente em todo o mundo. Manifesta-se de várias formas e em muitos locais; daí a grande importância deste tema. “A defesa dos pobres estende-se a todos os casos de marginalização, desamparo ou indefesa”⁶⁰. Trata-se, pois, do pobre ao qual faltam de bens, às viúvas, o marido, aos órfãos; os pais, e o estrangeiro, os amigos. Quem os defende deve fazê-lo como cuidado.

Diante da marginalização e da injustiça social que é tanta, há necessidade duma evangelização humanizadora e humanizante para que se possam abrir,

“espaços para que os pobres se evangelizem e sejam evangelizados a partir das suas culturas, denunciando tudo aquilo que destrói a sua identidade, dignidade e a gratuidade

⁶⁰ Cf. R. GREGORIO, *La ética profética: frente a la pobreza desde la justicia*, in “*Moralia*” 1984, 81.

de sua vida, que corrompe a reciprocidade dos bens e da palavra que enfraquece a solidariedade da luta pela sobrevivência”⁶¹.

Ajudar o pobre é uma dádiva aos olhos de Deus; aos que precisam de cuidado deve estar dirigido o nosso olhar, apoiando-os de acordo com suas necessidades, e assim haverá harmonia social (cf. Tb 4, 7-11.16s). O trabalho é uma graça, cuidar e servir os outros é precisamente a resposta adequada a Deus Criador⁶². O pobre estende a mão para sobreviver, é vítima de todas as opressões, como objecto de todas as injustiças por parte dos ricos e poderosos, e está sujeito a tudo, é miserável⁶³.

No Antigo Testamento há uma particular atenção com os pobres e oprimidos. Há textos muito significativos, que apresentamos como expressão do cuidado de Deus por eles, e como denuncia e compromisso do agir humano. O exercício da justiça é devido a todos, e primeiramente aos excluídos: “Não falsificarás a norma dos teus pobres no seu processo” (Ex 23,6).

Particular importância está nos escritos proféticos: “Ai dos que decretam leis injustas, e dos que redigem prescrições opressoras, dos que afastam os pobres do tribunal, e zombam dos direitos dos fracos do meu povo, fazendo das viúvas a sua presa e roubando os bens dos órfãos!” (Is 10, 1-2);

E diz Jeremias: “Não procedem de acordo com o direito, não defendem a causa do órfão e não fazem justiça em favor dos pobres!” (Jr 5, 28b). No livro dos Provérbios lê-se: “Não explore o fraco por ser fraco, nem defraude o pobre nos tribunais, porque

⁶¹ P. SUESS, *Evangelizar os Pobres e os Outros a Partir das suas Culturas*, in "Revista Eclesiástica Brasileira" 206, (1992) 370.

⁶² Cf. M. CARBAJO, *Crise Económica – uma resposta franciscana*, Editorial Franciscana, Braga, 2013, 113.

⁶³ H. ALVES, *Os pobres na Bíblia e na vida de hoje*, in *XII Semana Bíblica Nacional, o Deus dos pobres*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1990, 33-71.

Deus defenderá a causa deles e tirará a vida de seus opressores” (Prov 22, 22ss). Ao contrário, Deus socorre aqueles que usam de solidariedade para com seu próximo como é referido no Salmo 41, 5: “Feliz o que se lembra do pobre e do necessitado, porque no dia da desgraça o Senhor o salvará”.

Os profetas defendiam de modo incansável o pobre e fiel a Deus, opondo-se aos desmandos daqueles que detinham o poder. No Deuterónimo ser pobre é um título honorífico do povo de Deus⁶⁴. No livro dos Salmos encontramos os pobres suplicando a Deus libertador que os auxiliem diante dos ímpios e daqueles pelos quais tinham que se curvar por não ter força necessária. Mas, tinha confiança em Deus seu protector⁶⁵.

No âmbito do Antigo Testamento duas categorias de pessoas são objectos de particular cuidado pelo que são e pelo que lhes é devido: as viúvas e os órfãos. Eram os mais sofridos e abandonados em Israel.

Na sociedade do Antigo Testamento, a mulher viúva ficava em condições muito precárias, perdendo a herança, ficando com os filhos para cuidar (cf. 1Rs 17, 8s; 2Rs 4, 17). Embora protegidas pela Torá, tal protecção não era pouco eficaz, pois os termos da lei (cf. Ex 22, 20-23; Dt 14, 28s’24, 17-22), não eram obedecidos. As viúvas são solitárias (cf. Bar 4, 12-16), e representam um caso típico de infelicidade (cf. Is 47, 9). O seu traje (cf. Gn 38, 14; Jdt 10, 3) exprime um duplo luto: a perda da esperança da “fecundidade” e a perda do “cônjuge”. O homem, mesmo viúvo, não sofria maiores contratempos em condição social e económica, ao contrário das mulheres, onde tudo mudava, e para pior.

⁶⁴ Cf. H. ALVES, *Os pobres na Bíblia e na vida de hoje*, 66.

⁶⁵ *Ibidem*, 47.

Assim como não havia direito de herança e sucessão em favor das viúvas, também os órfãos não eram favorecidos por nenhuma lei jurídica que pudesse garantir sua propriedade e sobrevivência.

“Deus faz justiça ao órfão e à viúva, ama o migrante, dando-lhe pão e vestuário”, (Dt 10, 18). É um defensor de todos os oprimidos e admoesta os exploradores, desautoriza seu discurso ideológico e desarticula seus projectos e acções. Deus ama o povo oprimido, e está pronto a defendê-lo, e saciá-lo de justiça. Para tanto, inspira e encoraja seu profeta a proclamar seu projecto e fidelidade aos perseguidos e apresenta-se como verdadeiro libertador e fiel a eles. O órfão, perdendo os pais, perde o cuidado deles, ficando à mercê do irmão mais velho que podia explorá-lo, ou até vendê-lo. Como exemplo temos José que foi vendido pelos irmãos (cf. Gn 37 – 47). O órfão ficava na miséria devido às injustiças na sucessão⁶⁶.

Isaías, ao denunciar as injustiças contra os mais vulneráveis diz: “Ai daqueles que iniquamente despojam o órfão; o que farão no dia em que o castigo chegar?”, (Is 10, 1s). O órfão, por ser criança, fraco e abandonado, representa a síntese do oprimido.

Por isso, todos os escritos proféticos estão cheios de sentenças em seu favor: “Não oprimam nem explorem o órfão!” (Jr 22, 3). “Não maltratem [...] o órfão, porque se vocês o maltratarem e ele clamar a mim, eu escutarei o clamor dele e minha ira se inflamará e eu farei vocês perecerem pela espada” (Ex 22, 21s).

“Deus faz justiça ao órfão [...] “Não invada a terra dos órfãos, nem desloque a divisa de seus campos, pois o defensor deles é forte e defenderá contra você a causa deles” (Prov 23, 10). O Senhor diz: “Abandona os teus órfãos, que Eu cuidarei deles”(Jr 49, 11a).

⁶⁶ *Ibidem*, 63.

3. Ação de Jesus que cuida, cura e salva

Como sabemos, Jesus afirmou que veio para os pecadores, para os que precisam de ser curados, e não para aqueles que julgam estar sãos. Jesus não fez milagres para obter protagonismo diante de todos, nem teve intenção de condenar alguém com isso; cuida das almas e do corpo para ajudar a pessoa em questão e encaminhá-la à vida.

Depois do Batismo, Jesus dedicou sua missão ao cuidado dos pobres, oprimidos, necessitados, samaritanos, leprosos, viúvas e doentes, que vinham ou eram trazidos até Ele para serem curados. No Evangelho segundo São Lucas deparamos que Jesus apresenta a missão terrena que lhe é confiada.

“O Espírito do Senhor está sobre mim, porque me ungiu para anunciar a Boa-Nova aos pobres; enviou-me a proclamar a libertação aos cativos e, aos cegos, a recuperação da vista; a mandar em liberdade os oprimidos, a proclamar um ano favorável da parte do Senhor” (Lc 4, 18-19).

Jesus revelou à humanidade o Deus-cuidado. Ele é o médico dos corpos e das almas. Ele cuida de cada cabelo de nossa cabeça, da comida dos pássaros, do sol e da chuva para todos (Mt. 5,45; Lc 21,18). Jesus mostrou cuidado especial com os pobres, os famintos, os discriminados e os doentes. Enchia-se de compaixão e curava a muitos.

Fez da misericórdia a chave de sua ética. É pela prática da misericórdia que entraremos no Reino da vida; sem a misericórdia não há salvação para ninguém (cf. Mt 25,36-41). A parábola do bom samaritano, que mostra o cuidado e a compaixão pelo caído na estrada (cf. Lc. 10,30-37), e a do filho pródigo, acolhido e perdoado pelo pai (Lc. 15,11-32), são expressões exemplares de cuidado e de plena humanidade.

Jesus cuidou da ovelha perdida (cf. Lc 15,4-7), cuidou da multidão faminta e convocou os discípulos a fazer o mesmo (cf. Mc 6,30-36, Jo 6, 1-14). Morrendo na cruz,

cuidou dos crucificados ao seu lado e cuidou de sua mãe, entregando-a aos cuidados do discípulo amado (cf. Jo 19,26-27).

Nos Evangelhos podemos constatar que Jesus, durante a sua vida, realizou inúmeros feitos maravilhosos, chamados em grego *seméia* (sinais) ou *dynámeis* (atos de poder). A força do toque e da palavra fazem valer o seu gesto de cuidado.

A cura da sogra de Pedro:

“Tomou-a pela mão e levantou-a. A febre deixou-a e ela começou a servi-los. À noite, depois do sol-pôr, trouxeram-lhe todos os enfermos e possessos, e a cidade inteira estava reunida junto à porta. Curou muitos enfermos atormentados por toda a espécie de males e expulsou muitos demónios; mas não deixava falar os demónios, porque sabiam quem Ele era” (Mc 1,32-34).

A cura dos doentes em geral: “Nas aldeias, cidades ou campos, onde quer que entrasse, colocavam os doentes nas praças e rogavam-lhe que os deixasse tocar pelo menos as franjas das suas vestes. E quantos O tocavam, ficavam curados” (Mc 6,56).

A cura do filho do centurião: “Um centurião tinha um servo a quem dedicava muita afeição e que estava doente, quase a morrer” (Lc 7, 2). Jesus destrói a força do espírito maligno, curando os doentes, que ficavam livres e salvos. Há cura de várias doenças: lepra, cegueira, surdez, paralisia, epilepsia, ressurreição de mortos (o filho da viúva de Naim, a filha de Jairo, Lázaro).

Nos Sinóticos são-nos apresentadas com grande realce as acções poderosas de Jesus, que usa a sua força para curar e dá a vida aos que precisam⁶⁷. Estas forças que Lhe vêm de Deus, eram de tal modo poderosas que destruíam o espírito do mal que

⁶⁷ Cf. H. VERWEYEN, *Sentido e realidade dos milagres de Jesus*, in “*Communio*”, Ano 6, nº 4, (Jul/Ago 1989), 324.

aterrorizava os doentes, que tinham ficado fora do ambiente social comum, por exemplo os endemoniados (cf. Mt 8, 16; Mc 1, 39; Lc 13,32)⁶⁸. A Palavra e a acção completam-se⁶⁹. A força dos demónios poderia ser grande, mas a acção de Jesus é mais poderosa, sempre eficaz (cf. Mc 3, 27). Povos de muitas regiões acorriam a Jesus para o ouvirem ou serem curados⁷⁰.

Vemos Jesus a percorrer cidades e aldeias, ensinando nas suas respectivas sinagogas e anunciando a Boa Nova do Reino de Deus, curando as pessoas de todas as suas doenças e enfermidades no meio do povo (cf. Mt 4, 23). Assim sendo, notamos aqui duas das actividades de Jesus: o anúncio do Evangelho e a cura. A sua acção do anúncio e da cura começa com o anúncio na sinagoga de Cafarnaum. Ensina e age com poder. Isso caracteriza precisamente a sua acção (cf. Mc 1,39). Lucas oferece-nos o agir de Jesus na Galileia (cf. 4, 14 – 9,50).

O importante não é simplesmente a cura. O Evangelho de Marcos não concentra aí a força do texto, para não fazer de Jesus apenas um curador. Contudo, em Jesus não há um afastamento. Pelo contrário, a cura é precisamente narrada como oportunidade, como lugar de desenvolvimento de uma relação. A cura é um lugar de encontro. Esse encontro pela força da Palavra que não é proferida em vão, para que acreditem n'Ele, é forças para viver sadiamente.

“As ações de Jesus, não ganham sentido, se Ele não for acolhido com fé e na fé”⁷¹. Isso implica que um crente possa ser capaz de reconhecer a cura⁷². Assim, deste

⁶⁸ *Ibidem*, 323.

⁶⁹ *Ibidem*, 323-327.

⁷⁰ *Ibidem*, 329-331.

⁷¹ Y. CHABERT - R. PHILIBERT, *Croire quand on souffre?*, Paris, Editions Atelier, 1993, 92.

modo, vemos a importância, a função e o valor da fé. Sem ela, as ações tidas como curas perdem o seu valor e o seu real sentido para a vida⁷³. Todavia, a cura tem também a vertente da disposição da pessoa em causa, que se deixa interpelar até ao âmago da sua própria existência e está disponível para uma abertura às ações de Jesus. Superando aquilo que é para nós visível, a pessoa deve abrir-se e saber receber os sinais que a levam mais além daquilo que o seu mundo pode⁷⁴.

A cura propriamente dita, é sempre acompanhada de um acto de hermenêutica cristológica. A cura é uma manifestação do poder de Jesus. Ele não é um curandeiro. É o encontro com Jesus que salva, que sana. Salvação é o encontro com Jesus. É o tocar e o ser tocado, é a sanção, o estabelecimento da saúde.

Num espaço de menos de vinte e quatro horas, Jesus opera de forma seguida seis milagres: subjogou as terríveis forças natureza, venceu os demónios, restituiu a saúde aos enfermos, arrebatou da morte uma vítima⁷⁵. “Jesus mostrou-se como o Salvador actual pelos seus milagres, e apareceu como tal no drama escatológico”⁷⁶. Ele curava toda a espécie de enfermidade e em circunstâncias muito diversificadas. Também pode verificar-se que Ele não realizava as curas sem um fim bem preciso. Tinha em vista e uma razão nitidamente determinante; fazia-o com nobre serenidade, simplicidade e

⁷² Cf. L. SANTOS, *Os Milagres na Bíblia*, Cadernos Bíblicos nº 20, Lisboa, Difusora Bíblica, 1986, 20.

⁷³ Cf. H. FRIES, *Teología Fundamental*, Barcelona, Herder, 1987, 363-364.

⁷⁴ Cf. *Ibidem*, 372 - 373.

⁷⁵ Cf. LOUIS-CLAUDE, *Jesus Cristo Segundo os Evangelhos*, Porto, Livraria Civilização Editora, 2007, 188.

⁷⁶ Cf. R. E. BROWN, *Comentário Bíblico*, Madrid, Ediciones Cristiandad, 1971-1972, 142.

perfeição, tornava as Suas ações maravilhosas. Muitas vezes bastava-Lhe uma palavra ou um gesto para curar, o resultado era instantâneo e definitivo⁷⁷.

A partir daqui, Lucas elabora uma teologia da salvação e aplica-a às situações concretas. Por obra e força de Deus, Jesus liberta o homem dos poderes adversos e condu-lo até ao Reino, no qual entra pela fé em Deus. Jesus é o Mestre que se compadece com os mais fracos e postos à margem da sociedade: os pecadores, os leprosos e os pobres. “A actividade taumatúrgica de Jesus é uma visita de Deus (cf. Zac. 10, 3). “Um grande profeta se levantou entre nós e Deus visitou o seu povo” (Lc. 7, 16). Quando Jesus ressuscita a filha de Jairo, ao ‘não temais, crede somente’ de Marcos e de Mateus, Lucas acrescenta: será salva”⁷⁸.

A realização da salvação centra-se na pessoa de Jesus. Já no Evangelho da infância, Deus, pelo anjo, anuncia à terra: “nasceu-vos um salvador, que é o Messias Senhor” (Lc 2, 11). Os pobres e os pecadores são objecto de um interesse especial por parte de Jesus, segundo Lucas. O Sermão da Montanha (cf. Lc 6, 20-49) começa com uma visão dos benefícios do Salvador: “bem-aventurados os pobres, porque deles é o reino de Deus...”. É em Jesus que começa a realizar-se o Reino de Deus⁷⁹.

As curas do endemoninhado na sinagoga de Cafarnaum (cf. Mc 1,21-28), o possesso de Gérasa (cf. Mc 5,1-20), a cura da filha da mulher sirofenícia (cf. Mc 7, 24-30), a cura do jovem epilético (cf. Mc 9,14-29), etc., são feitas diante dos discípulos. Jesus manifesta-lhes o seu poder de expulsar os demónios, e vai conferir aos discípulos o poder de fazerem o mesmo (cf. Mc 3,15; 6,7-13). Envia-os com esse poder. Entre os

⁷⁷ Cf. LOUIS-CLAUDE, *Jesus Cristo Segundo os Evangelhos*, Porto, 164.

⁷⁸ Cf. R. E. BROWN, *Comentário Bíblico*, 143.

⁷⁹ Cf. R. A. MONASTERIO, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Estella, Verbo Divino, 2002, 130-135.

doentes que padeciam de grandes sofrimentos e enfermidades, muitos estavam possuídos pelo demónio, outros eram parálíticos. Todos foram curados por Ele (Cf. Mt 4, 23-24).

“Vieram ter com Ele numerosas multidões, transportando coxos, cegos, aleijados, mudos e muitos outros, que lançavam a seus pés. Ele curou-os, de modo que as multidões ficaram maravilhadas ao ver os mudos a falar, os aleijados escorreitos, os coxos a andar e os cegos com vista. E davam glória ao Deus de Israel” (Mt 15,29-31).

Deste modo, vemos que a fama de Jesus se espalhou por toda a região, o seu poder é sobrenatural, não se iguala a outros que podiam fazer curas e magias. Até disse aos que testemunharam para irem contar a João o que viram e ouviram (cf. Mt 11,5).

Detenhamos a nossa atenção na cura de um endemoninhado na Sinagoga de Cafarnaum (cf. Mc 1,21-28). Neste relato discernimos dois horizontes, dois extremos: um de Deus, que é personificado em Jesus; e outro o do mal, personificado no possesso que se opõe a Deus. Aqui não se fala do conteúdo do ensinamento de Jesus, mas percebemos que falava com tal autoridade que provoca uma reação de espanto entre os ouvintes. Logo de seguida, entra em cena um homem possuído por um espírito maligno, que manifesta incómodo pela presença de Jesus, talvez pelo seu ensinamento, porque sente Deus a entrar no seu horizonte e no seu mundo.

Jesus faz uso da sua autoridade dando ordens ao espírito para que este saia do corpo. Pela força da sua Palavra, sem magias brancas ou negras e sem ações de curandeirismos, Ele vence o espírito, a ponto de fazê-lo sair do corpo do homem, e começa a criar dentro dele o espaço que deverá ser ocupado por Deus. Para que aconteça, o homem deve aproximar-se de Deus. Poderíamos dizer que este endemoninhado de Cafarnaum é o primeiro a entrar no Reino, é o primeiro cidadão do

Reino⁸⁰. Para que o homem se salve, basta escutar e acreditar na palavra autorizada de Deus! Não se restringe apenas aos gestos, mas é evidente a força da Palavra na qual se acredita. Diante do mal também será necessário que haja arrependimento.

Para o evangelista Marcos, expulsar os espíritos impuros, é sinal da proximidade do Reino de Deus, que é manifestada, de modo muito claro, nas próprias palavras proferidas por Jesus. Em primeiro lugar, é necessário desocupar, no coração do homem, o lugar que é de Deus, para que Ele possa entrar sem resistência. Só depois é que o Reino de Deus se consolida na vida do homem⁸¹. Na abertura do homem a Deus, cada um tem o seu caminho pessoal. Com estes sinais, Jesus mostra o cuidado que tem para com os que padecem. E vai enviar os seus para que façam o mesmo, trazendo assim nova vida às pessoas. A presença salvífica do Reino Deus manifesta-se, através Jesus, no confronto e na vitória sobre os demónios, nos inúmeros milagres, nas curas e no perdão dos pecados. Deus assim revela a sua proximidade e o seu cuidado. Assim motiva a nossa proximidade e o nosso cuidado.

Ainda se pode ler (Mc 6,56): “Em todos os lugares onde entrava, nos povoados, nas cidades e nos campos, colocavam os doentes nas praças, rogando que lhes permitisse ao menos tocar na orla de sua veste. E todos os que o tocavam, eram salvos”. Outros gestos de Jesus manifestam a presença desse mesmo Reino: a cura da sogra de Pedro e outros milagres (cf. Mc 1,29-34); a cura de um leproso (cf. Mc 1,40-45). Nesta cura do leproso vê-se bem que Jesus não tem medo de tocar na realidade humana, pois foi para isso que Ele veio, e vê-se bem que o homem tem de dar resposta, tem de vir ao encontro, tem de ter fé, tem de querer libertar-se, tem de deixar-se libertar.

⁸⁰ Cf. A. BODRATO, *Il Vangelo delle meraviglie: commento al Vangelo di Marco*, Assis, Editrice Cittadella, 1996, 31-33.

⁸¹ Cf. A. SPREAFICO, *Marco il primo Vangelo*, Roma, Urbaniana University Press, 2000, 43.

A lepra era vista como uma doença repugnante, contagiosa, um perigo para a sociedade. Daí a imposição de viverem afastados do resto da população. De acordo com a lei, eram tidos como pessoas impuras. Levavam a vida em lugares desérticos, segregados da família e do meio social. Eram vistos também como castigados por Deus. Quem os tocava era logo contaminado. Este leproso vence as barreiras existentes. Ele veio para entrar na cidade e para dar a vida⁸².

Jesus não se contaminou ao tocar no leproso. E diz-lhe para não dizer a ninguém o sucedido, mas sim para se ir mostrar ao sacerdote. Era ao sacerdote que competia confirmar que alguém tinha lepra e decidir envia-lo para fora da povoação. Era ao sacerdote que competia declarar que o doente estava curado e podia reintegrar-se na comunidade.

Ainda sobre a cura do leproso, Jesus prova que está a construir uma ordem nova. Não pretende concorrer com a autoridade religiosa do seu tempo, nem eliminar a Lei social israelita. Pede-lhe que volte para o seu ambiente donde tinha sido expulso por causa da impureza. Com a sua palavra, - “Quero, fica purificado”- Jesus devolve ao leproso a sua dignidade. O leproso é reintroduzido na vida, a sua vida ganha novo sentido. Entra no reino de Deus. E curado, ressuscitado, reintegrado, não se limita à experiência do Reino; sente-se impelido a anunciar, a convidar outros a entrar no reino, a dar continuidade às palavras e aos gestos de Jesus⁸³. Notamos que Jesus está a formar os discípulos para serem e agirem como Ele e com Ele.

⁸² E. BIANCHI, L. MINICARDI, *Ao lado do doente – o sentido da doença e o acompanhamento dos doentes*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2012, 47-52.

⁸³ Cf. J. PIKAZA, *Para viver o Evangelho: Leitura de Marcos*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1999, 51-52.

Um paralisado foi apresentado a Jesus (cf. Mc 2,1-12). Jesus realiza. Surge então a controvérsia entre Jesus e os escribas acerca do modo como dar o perdão. Para os escribas o perdão dos pecados situava-se no âmbito “rubricista” dos ritos apresentados na Torá, mais concretamente no Livro do Levítico. Os escribas outorgam para si a guarda da Lei e do perdão de Deus, que conferem ao pecador mediante um ritual sagrado e de uma transformação social.

Jesus vem dizer precisamente o contrário. O perdão é um dom gratuito que brota do amor de Deus e da fé do pecador, sem necessidade de leis ou ritos. A palavra de Deus é, por si mesma, viva e eficaz: atua, toca e cura o convertido⁸⁴. Quando não se cuida bem da vida, caminha-se para a morte prematura. Em qualquer cultura, a vida deve ser vista como dom gratuito, e necessita de cuidados.

4. O cuidado dos pobres nas comunidades cristãs primitivas

Os cristãos das comunidades primitivas vivam com muitas dificuldades, em grande parte por causa do ostracismo e da perseguição a que estavam sujeitos, mas continuaram firmes na prática intensa da caridade e da beneficência. Com efeito, o amor fraterno era uma característica marcante da Igreja, que impressionava os pagãos, pouco acostumados a essa virtude.

São Paulo assume e manifesta em vários domínios a sua pobreza: âmbito social, económico e ministerial, tendo como exemplo o seu Mestre: Cristo. Incentivava a

⁸⁴ Cf. *Ibidem*, 53-54.

outros a fazerem colectas para melhor ajudarem os mais necessitados⁸⁵. O modo como eles cuidavam dos membros da comunidade, veio a tornar-se um distintivo da Igreja Cristã dos primeiros tempos (cf. 1 Cor 12, 26). Pedia às pessoas que cada um cuidasse de sobressair no ato da caridade, no qual se fazia a coleta a favor dos pobres da Judeia. A situação era de tal modo, que ele mesmo exortava as Igrejas mais ricas a colaborar, ajudando as que não tinham o suficiente, e pedia de modo especial atenção para com os pobres.

Todos se deviam sentir-se livres para dar, sabendo que esta generosidade manifesta o amor de comunhão entre as várias Igrejas. Ele mesmo faz questão de dizer que Cristo, que era rico, se tornou pobre para nos enriquecer com a sua pobreza (cf. 2Cor 8,9). Apesar de ter muito cuidado no seu trabalho para o bem comum, não faltaram críticas dos seus opositores, mas, ele faz de tudo para agradar tanto a Deus como aos homens (cf. 2Cor 8, 21). A generosidade e o cuidado para com os pobres, é uma missão e compromisso cristão.

O apóstolo Paulo e a Igreja primitiva demonstravam igualmente profunda solicitude pelos necessitados. Desde muito cedo, Paulo e Barnabé, em representação da Igreja em Antioquia da Síria, levaram a Jerusalém uma oferta aos irmãos carentes da Judeia (cf. Act 11,28-30). Quando o concílio se reuniu em Jerusalém, os anciãos sugeriram a Paulo e aos seus companheiros que se lembrassem dos pobres, “a que Paulo responde: procurei fazer com diligência” (Gl 2,10). Na sua terceira viagem missionária preocupou-se também por fazer uma coleta “para os pobres dentre os santos que estão

⁸⁵ Cf. J. LIMA, *A pobreza em São Paulo e nos Actos dos Apóstolos*, in *XII Semana Bíblica Nacional*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1990, 119 – 128.

em Jerusalém” (Rm 15,26). Ensinava as Igrejas na Galácia e em Corinto a contribuir para esta causa (cf. 1Cor 16,1-4)⁸⁶.

Como a Igreja em Corinto não contribuísse conforme se esperava, o apóstolo exortou demoradamente os seus membros a respeito da ajuda aos pobres e necessitados (cf. 2Cor 8, 9). Elogiou as Igrejas na Macedónia por lhe terem rogado urgentemente que lhes deixasse participar da colecta (cf. 2Cor 8,1-4; 9.2). Paulo tinha uma grande estima no acto de contribuir. Na epístola aos Romanos, ele arrola, como dom do Espírito Santo, a capacidade de atender com generosidade às necessidades da obra de Deus e de seu povo (cf. Rm 12, 8; 1Tm 6, 17-19).

O zelo e o cuidado para com os pobres e necessitados, deve ser responsabilidade de todos, principalmente dos irmãos em Cristo. A Igreja primitiva estabeleceu uma comunidade que se importava com o próximo, que repartia as suas posses a fim de suprir as necessidades uns dos outros (cf. Act 2,44.45; 4,34-37). Quando o crescimento da Igreja tornou impossível aos apóstolos cuidar dos necessitados de modo justo e de igual espírito, procedeu-se à escolha de sete homens, cheios do Espírito Santo, para executar a tarefa (cf. Act 6,1- 6).

Paulo declara explicitamente qual deve ser o princípio da comunidade cristã: “E não nos cansemos de fazer o bem, porque, a seu tempo, colheremos, se não tivermos esmorecido. Portanto, enquanto temos tempo, pratiquemos o bem para com todos, mas principalmente para com os irmãos na fé” (Gl 6, 9-10). Deus quer que os que têm em abundância partilhem com os que nada têm, para que haja igualdade entre o seu povo (cf. 2 Cor 8, 14-15; Ef 4, 28; Tt 3, 14) A própria hospitalidade acabou por ser uma

⁸⁶A. CASALEGNO, *Paulo, o evangelho do amor fiel de Deus*, São Paulo, Edições Loyola, 2004, 81-84.

prática comum nos primeiros cristãos. Estes abriam as suas portas acolhendo pessoas, o que facilitava o convívio da comunidade.

Paulo sentiu o dever de se comprometer no cuidado a ter para com os mais necessitados (cf. Gl 2,10) e, agora, afirma que ministrava essa graça da contribuição às Igrejas (cf. 2Cor 8,19). Ele não fazia separação entre a evangelização e o cuidado aos mais pobres. Paulo procura arrecadar ofertas, não para retê-las nas suas mãos, mas para demonstrar sua disposição em servir⁸⁷. No seu ato de cuidar diz:

“Queremos, assim, evitar o risco de que alguém nos censure a respeito desta abundante coleta que é administrada por nós, porque nos esforçamos por fazer o bem, não só diante do Senhor mas também diante dos homens. Com eles enviámos também o nosso irmão, cujo zelo temos experimentado, de muitos modos e muitas vezes, e que agora se mostra ainda mais solícito, pela grande confiança que deposita em vós” (2Cor 8,20-22).

O apóstolo Paulo é diligente em despertar a Igreja para contribuir, mas também é cuidadoso na forma de arrecadar as ofertas e administrá-las. Ele não administrava sozinho aquilo que recebia, era acompanhado por Tito (cf. 2Cor 8,16-17) e por mais dois irmãos em quem as Igrejas tinham confiança (cf. 2Cor 8,18.22.23). O cuidado de Paulo pelas Igrejas era grande (2Cor 11,28). O cuidado de Paulo não se limitava aos que conhecia pessoalmente (Cl 2,1-2). Procurava instruir e capacitar os seus colaboradores para o ajudar na obra (cf. 2Tm 2,1-2). No cuidado para com as Igrejas, agiam com diligência (cf. Tt1,5).

As comunidades cristãs dos primeiros tempos ajudavam-se mutuamente através de colectas. Exemplo clássico disto é a campanha que o apóstolo Paulo realizou entre as comunidades gentílico-cristãs da Macedónia para socorrer a comunidade de Jerusalém, de origem judaica, empobrecida sob o governo do imperador romano Cláudio, nos anos

⁸⁷ Cf. J. LIMA, *A pobreza em São Paulo e nos Atos dos Apóstolos*, 121.

41-54, (Cf. Act 11, 27- 30; 2 Cor 8 – 9).É explícito o gesto de comunhão de duas comunidades: “É que a Macedónia e a Acaia decidiram realizar um gesto de comunhão para com os pobres que há entre os santos de Jerusalém” (Rm 15, 26).

5. São Francisco de Assis: cuidado da natureza e das pessoas frágeis

Uma das expressões mais claras e interpelantes do cuidado em perspectiva bíblica e evangélica, encontramos-la em São Francisco de Assis. Revelamos dois pontos: o cuidado da natureza e o cuidado dos frágeis.

5.1 São Francisco de Assis e o cuidado da natureza

Falar da ecologia e não falar de Francisco de Assis, seria como que deixar de fora um testemunho de vida daquele que soube cuidar das criaturas. Francisco de Assis soube situar-se no seu mundo e, desde que desperta em si a voz da natureza, não cessa de a proclamar como irmã e de lhe cantar incessantemente. Não só ele canta, como a convida a cantar com ele os louvores do Supremo Criador. Um bom exemplo disso é o célebre “Cântico das Criaturas”, ou do “Irmão Sol”, composto por Francisco de Assis, em que ele mesmo reconhece serem criados todos os seres como irmãos seus irmãos e suas irmãs, por terem o mesmo Criador e filhos do mesmo Pai⁸⁸.

Este cântico não é mais que um hino à grandeza de Deus, reflectida nas Suas criaturas. Ele também é, se assim se pode dizer, um reflexo de cântico de Daniel (Dn 3, 51-90), cantado pelos três jovens na fornalha ardente. O “Cântico do Irmão Sol” é o mais belo hino ao Criador que a todos nos faz irmãos. Nele, Francisco começa por

⁸⁸ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, “*Cântico das Criaturas*”, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 80-81.

reconhecer a Augusta Majestade Divina. “Altíssimo, Omnipotente, bom Senhor, a Ti o louvor, a glória e toda a bênção”⁸⁹. A partir daqui, Francisco, vai louvando o Seu Senhor por todas as suas criaturas às quais chama irmãs. São seus irmãos, o Sol, a Lua e as Estrelas, o Vento, a Água, o Fogo e a Mãe Terra. Irmãos são também os que perdoam por amor de Deus, os que suportam dores, tribulações e, até mesma a própria morte corporal.

Depois de louvar o Senhor por todos estes irmãos, Francisco convida-os a louvarem o Criador: “Louvai e bendizei a meu Senhor, e dai-lhe graças e servi-o com grande humildade”⁹⁰. É assim que ele encerra este hino às criaturas irmãs. Ele sente-se bem com todas as criaturas criadas por Deus. Percebemos que ele não fica preso a essas mesmas criaturas e menos ainda a essa relação fraternal que mantém com as mesmas. Por elas, ele remonta-se ao autor, à origem donde tudo recebe consistência e sentido concreto. Daí “o seu olhar cristão leva-o a ver em toda a parte e em todos os seres a fraternidade universal por Deus criada”⁹¹. Francisco, quando sente Deus nas criaturas, manifesta o seu íntimo respeito, respeito esse que também acabará por receber delas.

Conta Tomás Celano: “e ele, passando por meio delas, as aves, ia e vinha, roçando com a túnica em suas cabeças e corpos. Depois abençoava-as, fazendo a sinal da cruz, e deixava-as sair e seguirem a sua vida e ele também”⁹². Outra vez, querendo falar da Palavra de Deus, mas estando as andorinhas a fazer muito barulho, dirigiu-se a elas de seguinte modo: “minhas irmãs andorinhas, é agora a minha vez de falar, pois já haveis falado o suficiente”. As andorinhas, diante do entusiasmo dos presentes, logo

⁸⁹ *Ibidem*, 80.

⁹⁰ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, “*Cântico das Criaturas*”, 81.

⁹¹ J. MERINO, *São Francisco e a Ecologia*, Braga, Editorial Franciscana, 2007, 196.

⁹² T. CELANO, *Vida primeira de São Francisco de Assis*, 58, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana 2005³, 278.

ficaram caladas, e assim ficaram calmas nos seus lugares escutando-o durante o momento que falou. O espantoso era, na verdade, que até as criaturas irracionais deram conta da afeição fraterna e do grande amor com que Francisco de Assis lhes dedicava⁹³.

Era deste modo que ele cativava as outras criaturas. A melhor forma de entendermos como ele a presença de Deus nas criaturas, está no breve testemunho que seu biógrafo nos deixou: “na verdade ele, valia-se do mundo como de um campo de batalha contra o príncipe das trevas, e como espelho termicíssimo para contemplar a bondade de Deus. Em todas as suas criaturas ele cantava o Artífice, tudo o que nelas via o referia ao Criador”⁹⁴.

No “Cântico das Criaturas”, Francisco de Assis inicia o mesmo enaltecendo o Senhor, e assim diz: “Altíssimo, Onnipotente e bom Senhor”⁹⁵, Ele é Senhor e Pai de todos os seres criados. Dando seguimento ao seu canto, faz um percurso de louvor a todos eles, chamando-os com muito amor de irmãos e irmãs. É de suma importância observar o cântico com precisão, porque este sai do coração de Francisco, que estando em sintonia com Cristo, quis sofrer os sofrimentos d’Ele no seu corpo. Ele ao escrever este “Cântico do Irmão Sol”, contempla a noite e a sua luz.

Contudo, cai-se muito no erro de se ver a ecologia de Francisco de Assis somente pelo seu amor aos bichinhos. A sua ecologia passa, em primeiro lugar, pela parte ou faceta humana. Escreve: “E, depois que o Senhor meu deu o cuidado dos irmãos, ninguém me ensinava o que devia fazer; mas o mesmo Altíssimo me revelou

⁹³ *Ibidem*, 59, 279.

⁹⁴ T. CELANO, *Vida segunda de São Francisco de Assis*, CXXIII, 165, 485-486.

⁹⁵ *Legenda Perusina*, 44, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 923-924.

que devia viver segundo a forma do santo Evangelho”⁹⁶. O amor pelas criaturas só pode ser entendido depois de se ver quanto amava, também os irmãos que o Senhor lhes dera. Ele partilhava o que o que tinha com os demais.

Quantas vezes a sua dimensão humana da ecologia, o não fez meter-se no meio de guerras, para tentar fazer as pazes, porque todos eram irmãos e por isso não deveriam matar-se uns aos outros⁹⁷. Somente depois de se conhecer esta dimensão ecológico-humana de Francisco de Assis, poderemos falar dum Francisco que canta a natureza, que louva verdadeiramente o Senhor e a respeita-los com a maior das dignidades.

Este foi um dos grandes marcos de Francisco em relação ao respeito que sentia pelas criaturas. Ele, não só um homem do passado, é também do presente e do amanhã, pela actualização de toda a sua mensagem, de todo o seu espírito de vida, de toda esta correlação com todo o ser criado, quer com os simples seres, quer com o ser humano criado à própria imagem e semelhança do Criador.

Atualmente tem-se falado muito sobre São Francisco de Assis nas questões ligadas à ecologia. Isso mostra que ele tem uma palavra a dizer à situação ecológica actual. “Francisco de Assis foi um dos raros personagens que souberam viver a harmonia cósmica pronunciada pelo profeta Isaías. Todavia um homem assim, totalmente messiânico, contrasta com a atitude de tantos homens modernos”⁹⁸. Francisco de Assis observava as coisas sem interesse, sem egoísmo e domínio, ou, pura e

⁹⁶ SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Testamento*, in *FontesFranciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 14, 181.

⁹⁷ Cf. SÃO BOAVENTURA, *LegendaMaior*, VIII, 4, in *FontesFranciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 637- 638.

⁹⁸ J. MERINO, *Humanismo Franciscano e Ecologia*, in *Itinerarium*, nº 140, Maio/Agosto, 1991, 192.

simplesmente, como meros instrumentos para seu uso, e belo prazer. Ele vai muito mais além, consegue libertar-se de uma certa cupidez, do doentio e, do tão actual e desproporcionado desejo de posse e de domínio sobre tudo⁹⁹. No entanto está é a grande e estimada actualidade da sua mensagem.

A sua ação causou um grande impacto nos ecologistas e naqueles que lutam por cuidar de um ambiente harmónico. Após prolongadas discussões, sobre a influência da religião na ecologia, o historiador Lynn White, na reunião da Associação Americana para o Progresso da Ciência, em 1966, apontou Francisco de Assis como o mais radical de todos os cristãos e o modelo singular que devemos seguir¹⁰⁰. Foi também nesta mesma reunião que Lynn propôs que o Poverello de Assis fosse proclamado patrono dos ecologistas e dos movimentos ecológicos.

A relação que Francisco de Assis, teve com os outros seres criados, é precisamente uma relação de amor, e de cuidado, vivendo como que uma fraternidade cosmológica e ecológica do amor. Tudo é dom de Deus, e merece o devido respeito, ser amado e cuidado. Todavia ele soube ama-los e respeitá-los. Não se poderia pensar num santo, para patrono da ecologia, que não fosse São Francisco de Assis. A sua vida e comunhão com os seres criados foi a harmonia perfeita de uma fraternidade cósmica que jamais se viu.

Foi esta forma de vida em comunhão fraterna, ecológica e cósmica, que levou a que muitas vezes se erguessem no sentido de dar a Francisco o lugar de patrono da

⁹⁹ Cf. *Ibidem*, 194.

¹⁰⁰ Cf. *Ibidem*, 196-197.

ecologia. Tudo isto levou o Papa João Paulo II, na bula *Inter Sanctos*, de 1979, a proclamar São Francisco de Assis, patrono da ecologia e dos movimentos ecológicos¹⁰¹.

Passados alguns anos da proclamação o Papa João Paulo II diz na mensagem para o dia mundial da paz de 1990, subordinado o tema “Paz com Deus Criador, Paz com toda a Criação”.

“São Francisco de Assis, que proclamei em 1979 patrono dos cultores da ecologia, dá aos cristãos o exemplo de um respeito pleno e autentico pela integridade da criação. São meus votos que a sua inspiração: nos ajude a conservar sempre vivo o sentido da fraternidade com todas as coisas boas e belas criadas por Deus onnipotente; e nos alerte para o grave dever de as respeitar e conservar com cuidado, no quadro da mais ampla e elevada fraternidade humana”¹⁰².

O papa justifica a sua decisão ao dizer:

“São Francisco oferece aos cristãos o exemplo de um respeito autêntico e pleno pela integridade da criação. Amigo dos pobres, amado pelas criaturas de Deus, convidou todos animais, plantas, forças naturais, inclusivamente o irmão sol e a irmã lua a honrar e louvar o Senhor. O pobre de Assis dá-nos testemunho de que, estando em paz com Deus, podemos dedicar-nos melhor a construir a paz com toda a criação inseparável, de resto, da paz entre os povos”¹⁰³.

Está é uma chamada de atenção que serve a todos porque a terra é uma casa que é comum a todos e de todos. Todos têm importante missão para cuidar a natureza da melhor forma possível.

¹⁰¹ Cf. JOÃO PAULO II, *Bula “Inter Sanctos”*, AAS, 71, Roma, 29 de novembro de 1979.

¹⁰² Cf. JOÃO PAULO II, *Paz com Deus Criador. Paz com toda a criação; Mensagem para a celebração do XXII dia Mundial da Paz*, Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 8 de dezembro de 1989.

¹⁰³ *Ibidem*, 176.

5.2. São Francisco: o encontro e o cuidado do leproso

A lepra é uma putrefação da carne, hedionda e contagiosa, causava repulsa a todos. No tempo de São Francisco de Assis, os leprosos eram marginalizados pela sociedade, eram enviados ou partiam para os bosques; ali viviam. Não podiam entrar nas aldeias nem sequer para beber água. Quando pediam esmola, tinham de conservar distância. Acabavam por morrer sozinhos, em grande sofrimento, sem o mínimo de cuidado. Todos fugiam dos leprosos.

Considerados os leprosos como “cadáveres ambulantes, contagiosos”, abria-se ruptura entre as pessoas que não tinham lepra e as que tinham. Quando havia manifestação desta epidemia, logo o sacerdote devia celebrar uma espécie de rito de absolvição, de enterro social. Depois de receber uma veste específica, as luvas e uma matraca, que servia de sinal para avisar o perigo de contágio, os leprosos estavam interditos de entrar na cidade e de beber água dos rios. Também não podia ter propriedades¹⁰⁴. Quando morriam, não tinham ritos fúnebres.

Nesse tempo os leprosos além de sofrerem de lepra física, eram também os últimos dos últimos de uma sociedade extremamente hierarquizada. Eram os excluídos do convívio da vida familiar e social, os que perambulavam pelos caminhos à procura de alguma ajuda caritativa. Também a presença destes era indesejada. Por isso andavam com sinetes, anunciando a sua presença ou proximidade, para que as outras pessoas pudessem deles tomar distância. Muitos eram acolhidos em abrigos específicos chamados leprosários, que geralmente se localizavam afastados das cidades.

¹⁰⁴ Cf. M. WASSEIGE, *OCoração do Pobrezinho; comentário ao Testamento de São Francisco*, Braga, Editorial Franciscana, 2012, 29-31.

Os leprosos ocupavam uma posição muito especial entre os doentes e pobres da Idade Média. Eram considerados o símbolo vivo das Chagas de Jesus na sua Paixão. Mais do que todos os outros pobres, eram centros de atenção cristã. Surgiram Ordens religiosas fundadas para cuidar dos leprosos. No princípio do século XII, havia na Europa mais de uma dezena de milhares de leprosarias, onde os doentes recebiam o cuidado da saúde e eram alimentados numa espécie de comunidade conventual. Em Assis também havia um desses hospitais-leprosários¹⁰⁵.

Francisco para aí se dirigiu com dinheiro e bens de que dispunha. Mas não só para lhes prestar ajuda material, mas também para lhes levar a ternura de Deus, para lhes dar prova de que eram irmãos. Francisco beijava-os um a um, prestando-lhes o devido cuidado com humildade. O seu modo de cuidar do ser humano, sem distinção, era genial e é uma atitude eloquente e assim se torna um exemplo.

Na vida de São Francisco há alguns episódios que marcaram significativamente a sua caminhada de conversão. Aqui vamos destacar apenas o encontro com o leproso. Foi o próprio Francisco que escreveu no seu Testamento:

“Deus, nosso Senhor, quis dar a sua graça a mim, o irmão Francisco, para que começasse a fazer a penitência; porque, quando eu estava em pecados, parecia-me muito amargo dar com os olhos nos leprosos; mas o mesmo Senhor, um dia, me conduziu ao meio deles e com eles usei de misericórdia. E ao afastar-me deles, o que antes me parecera amargo, converteu-se para mim em doçura de alma e de corpo; e em seguida, passado um pouco de tempo, saí do mundo”¹⁰⁶.

A partir deste momento, os leprosos passaram a ser os favoritos da sua alma. Foi assim até ao fim da sua vida. O modo como cuidava deles fez de Francisco um anjo da

¹⁰⁴Cf. J. BESEN, *São Francisco o Poeta da criação*, São Paulo, Editora Mundo e Missão, 1999, 21-33.

¹⁰⁶ Cf. *Testamento*, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 1-3, 180.

misericórdia. O seu cuidado manifestava-se também no conhecimento do nome deles. Para melhor os servir, procurou aprender alguma coisa de enfermagem para aplicar quando lhes levava medicamentos¹⁰⁷. O cuidado pelos leprosos não significou para Francisco apenas a colocação de gestos de benevolência ou de “caridade”. Porém a atitude de Francisco significava a disposição de ficar na companhia daqueles que eram rejeitados pela sociedade. Ele, ao cuidar dos necessitados, tomou o ensinamento do Evangelho com estrita literalidade era o mesmo que cuidar do Cristo solitário, moribundo e nu¹⁰⁸. Assim esteve mais próximo do seu verdadeiro Mestre e Senhor.

Recordemos ainda alguns dos relatos do encontro de Francisco com os leprosos:

“Passeava ele certo dia a cavalo na planície que se estende abaixo da cidade de Assis, quando, deparou com um leproso. Apanhado de surpresa, no primeiro instante sentiu-se horrorizado. Mas logo lhe acudiu à mente propósito que fizera de uma maior perfeição, e que, se de facto pretendia transformar-se em autêntico soldado de Cristo, teria necessariamente de começar por vencer-se a si mesmo. Sem mais delongas saltou do cavalo e corre a abraçar e beijar o pobrezinho. O leproso lá estava de mão estendida como que solicitando uma esmola; Francisco dá-lhe a esmola e com ela, um beijo”¹⁰⁹.

Muitas vezes Francisco terá fugido dos leprosos. Daquela vez parou, voltou atrás, desceu do cavalo [venceu o seu egoísmo e todas as resistências] e deu a melhor moeda: ele mesmo, expressando a sua oferta carinhosa no beijo que deu àquela pessoa marginalizada. Viu no leproso o irmão que até então não vira. Viu Cristo encarnado. O beijo do leproso foi um marco decisivo na vida de Francisco¹¹⁰. Cuidar dos leprosos com ternura, passou a ser fonte de doçura e felicidade. Era o amor gratuito, o verdadeiro

¹⁰⁷ Cf. I. LARRAÑGA, *Francisco e a Pobreza de Assis*, Braga, Editorial Franciscana, 2011, 44.

¹⁰⁸ Cf. D. SPOTO, *Francisco de Assis - O Santo Relutante*, [s. l.], Editora Objetiva, 2003, 101-102.

¹⁰⁹ Cf. SÃO BOAVENTURA, *Legenda Maior*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, 1, 5.

¹¹⁰ Cf. J. CARBALLO, *São Francisco e a Vida Religiosa*, Braga, Editorial Franciscana, 2010, 36.

amor, o amor de Deus. Amor bem diferente daquele que sentira para com os companheiros de aventuras, para com as namoradas ou até para com sua mãe.

Francisco viu de facto nestas pobres criaturas a imagem do pobre e humilde Filho de Deus¹¹¹. As leprosarias eram para ele templos sagrados, como eram os lugares onde o povo se reunia para celebrar a liturgia. Nas leprosarias Francisco concretizava o que era anunciado e celebrado na igreja, na celebração da Eucaristia.

E às vezes: “o jovem Francisco, “se alguma vez sucedia passar perto dos seus casebres ou vê-los, embora a piedade o levasse a dar-lhes esmola por outra pessoa, desviava sempre a vista e chegava mesmo a tapar o nariz”¹¹².

Na reparação da “casa” do Senhor, ministério que lhe havia confiado Cristo na Igreja de São Damião, os leprosos estavam em primeiro lugar. Inclina-se à frente deles, lavava-lhes os pés, pensava-lhes as feridas. Era um cuidado profundamente afectivo, comparável ou superior ao carinho maternal. Os leprosos, vendo o gesto de Francisco para com cada um, sentiam-se acolhidos e amados por ele¹¹³. Cuidar dos leprosos fazia parte da vocação e da missão de Francisco e daqueles que o seguiam. Por isso exortava os irmãos a que tivessem o mesmo sentimento e o mesmo cuidado.

“Cuidando dos rejeitados do mundo, eis que Francisco começava a ascender à genuína nobreza que buscava, que seria descoberta não nas armas, ou em títulos e batalhas, glórias ou duelos. A honra não estava na companhia dos mais fortes, dos mais atraentes, dos mais bem vestidos ou mais garantidos na sociedade, mas entre os mais fracos, os mais desfigurados, os que estavam marginalizados, dependentes, desprezados (...). Ao

¹¹¹ Cf. G. ZACHARY, *Paths to Renewal: six religious founders*. New York Society St. Paul, 1998, 10.

¹¹² *Legenda dos Três Companheiros*, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³, IV, 11,10, 791.

¹¹³ Cf. I. LARRAÑGA, *Francisco o Pobre de Assis*, Sacavém, Edições Paulistas, 1980, 44-48.

dedicar-se ao cuidado dos leprosos, Francisco proclama a vitória de Cristo morto e ressuscitado, que passa pela morte e chega à ressurreição e proclama o poder do amor que reduz a nada a triunfante maldade do mundo”¹¹⁴.

Com Francisco, os leprosos são pessoas, não são objectos de repúdio e desolação. No seu viver novo com os leprosos, Francisco não só estabelece comunhão com eles mas entra numa nova maneira de estar em comunhão com o mundo.¹¹⁵ Francisco está marcado com o sinal de Cristo, sinal que conserva até morte. A sua morte foi um hino de louvor à Vida.

¹¹⁴ Cf. D. SPOTO, *O Santo Relutante, Francisco de Assis*, Editora Objectiva, Rio de Janeiro, 2010, 104.

¹¹⁵ Cf. M. HUBAUT, *Caminhos de interioridade com São Francisco*, Editorial Franciscana, Braga, 2012, 34 -35.

III – CAPÍTULO

CUIDADOS PALIATIVOS E HUMANIZAÇÃO.

Qualquer cuidado que se pode ter, é necessário que seja humano. Todavia entre os vários aspectos do cuidado, há os cuidados em saúde, e um particular modo são os cuidados paliativos. É consensual entre os autores a sua conceção, ou seja, de modo geral, há uma aproximação e objetivos comuns. A questão põe-se no cuidar das pessoas que estão em situações de gravidade ou no fim da vida, onde por vezes se recorre à eutanásia, ou prolongamento desproporcional da vida.

As problemáticas neste âmbito são complexas, há esquematicamente duas respostas, a eutanásia e o excesso terapêutico.

O Papa João Paulo II, na *Encíclica Evangelium Vitæ*, recusa uma e outra. Sem nos demorarmos, já que o âmbito do nosso trabalho é o cuidar, e, neste caso, os cuidados paliativos, indicamos as definições que dá de uma e de outro e algumas problemáticas.

Define eutanásia do seguinte modo: “Por eutanásia em sentido verdadeiro ele próprio, deve-se entender uma ação ou uma omissão que, por sua natureza e nas intenções provoca a morte com objetivo de eliminar o sofrimento”¹¹⁶.

É claramente rejeitada; tem “ a malícia própria do homicídio”¹¹⁷.

¹¹⁶ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica “Evangelium Vitæ” sobre o valor e o carácter inviolável da vida humana*, 65, Braga, Editorial Apostolado Oração, 1995.

¹¹⁷ *Ibidem*, 65.

Bem “distinta da eutanásia” é “a decisão de renunciar ao chamado “excesso terapêutico”; ou seja,

“Certas intervenções médicas já inadequadas à situação real do doente, porque vão proporcionados nos resultados que se poderiam esperar ou ainda porque demasiados perdas para ele e para a sua família [...]. A renúncia a meios extraordinários ou desproporcionados não equivale à eutanásia; exprime-se antes, a aceitação da condição humana perante a morte”¹¹⁸.

À condenação moral da eutanásia e do excesso terapêutico segue-se o reconhecimento na “medicina actual” dos cuidados paliativos. Neste último capítulo vamos referir-nos de forma breve, sabendo que a problemática é vasta, a estes, e neles à problemática da sedação terapêutica

1. Cuidados paliativos

Por vezes o cuidado paliativo confunde-se historicamente com o *hospice*, que definia abrigos (hospedarias) onde se recebia e se cuidava dos peregrinos. O relato mais antigo que temos, remonta ao século V, quando Fabíola, uma discípula de São Jerónimo, cuidava no Hospício do Porto de Roma das pessoas que iam e vinham em viagens da Ásia, da África e dos países do leste. Entretanto várias instituições de caridade surgiram na Europa no século XVII, para acompanhar e abrigar os pobres, os órfãos e os doentes. Com efeito esta prática propagou-se com organizações religiosas católicas e protestantes que, no século XIX, passaram a ter características de hospitais.

Porém o Movimento Hospice Moderno foi introduzido pela inglesa Cicely Saunders em 1967, fundou o St. Christopher’s Hospice em que prestava assistência aos doentes e se dedicava também ao ensino. O termo “cuidados paliativos”, já utilizado no

¹¹⁸*Ibidem*, 65.

Canadá, passou a ser adotado pela OMS, devido à dificuldade de tradução adequada do termo hospice em alguns idiomas¹¹⁹.

Tentaremos definir os cuidados paliativos usando alguns manuais, autores e um dos manuais diz que:

“São cuidados ativos totais prestados a pacientes e as suas famílias quando se estabelece que o doente já não se beneficiará de tratamento anti tumoral. Neste enfoque terapêutico é voltado para a qualidade de vida, o controle dos sintomas do doente e o alívio do sofrimento humano integrado pelo carácter trans, multi e interdisciplinar dos cuidados paliativos”¹²⁰.

Um outro manual define-os como:

“Exercício da arte do cuidar aliado ao conhecimento científico, em que a associação da ciência a arte proporciona o alívio do sofrimento relacionado com a doença. Por ser parte fundamental da prática clínica, também ocorre de forma paralela às terapias destinadas à cura e ao prolongamento da vida”¹²¹.

Segundo Elio Sgreccia, por:

“Cuidados paliativos entendem-se geralmente os tratamentos que favorecem os pacientes afetados por doença já não curável, mais destinados ao controlo dos sintomas do que à patologia de base, usando os procedimentos que proporcionem ao paciente a melhor qualidade de vida”¹²².

Estes cuidados destinam-se aos doentes terminais que sofrem de mal incurável onde se tem em vista a morte aproximadamente num espaço de seis meses. O Papa João

¹¹⁹ Cf. D. Y. MATSUMOTO, *Manual de Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Diagraphic Editora, 2009, 15.

¹²⁰ J. KLIGERMAN, *Cuidados Paliativos Oncológicos, Controle de Sintomas*, Rio de Janeiro, Ministério da Saúde, Instituto Nacional de Câncer, 2001, 5.

¹²¹ Cf. S. BARBOSA, *Manual de Cuidados Paliativos*, 7.

¹²² E. SGRECCIA, *Manual de Bioética – Fundamentos e ética biomédica*, Cascais, Princípia Editora, 2009, 878.

Paulo II considera-os de particular importância; “destinam-se a tornar o sofrimento mais suportável na fase aguda da doença e assegurar ao mesmo tempo ao paciente um adequado acompanhamento humano”¹²³.

Para os cuidados paliativos há que ter em conta sempre esses quatro padrões: o controlo de sintomas; a comunicação adequada; o apoio à família e, por fim, o trabalho em equipa; esses padrões devem ser realçados de modo equitativo para assim obter maior e melhor resposta no cuidado¹²⁴. Contudo esse cuidado começa com o diagnóstico de doença incurável, aumentando a sua necessidade com a progressão da doença crónica e diagnóstico do que medidas terapêuticas de "cura" ou de "prolongar a vida" são ineficientes.

Evidentemente que o doente tem direito a receber os cuidados apropriados e necessários para que haja um prolongamento da vida, mas, de forma humana e com a melhor qualidade de vida, conferindo-lhe o direito de recusar os tratamentos que levam a viver mais tempo de modo artificial, trazendo consigo o sofrimento que não pode suportar, reduzindo assim a sua qualidade de vida e provocando alguns estragos que não têm compatibilidade com a sua dignidade¹²⁵.

Os cuidados paliativos são precisamente aquilo que vem dar resposta às situações difíceis na vida duma pessoa, quando, por causa duma doença ou um acidente é colocada num estado avançado, incontornável, incurável, e progressivo, que se tenta gerir da melhor maneira possível, sem descurar os aspectos que proporcionam uma boa qualidade de vida aos doentes e suas famílias. Baseiam-se não só no controlo ativo dos

¹²³ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica “Evangelium Vitae”*, 65.

¹²⁴ A. BARBOSA– I. NETO, *Manual dos Cuidados Paliativos*, 21.

¹²⁵ Cf. J. LAGRÉE, *O Médico, o Doente e o Filósofo*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002, 170.

sintomas, mas também numa comunicação eficaz com o doente e a sua respectiva família- É um trabalho de equipa interdisciplinar¹²⁶.

Há pacientes que são tratadas com meios sofisticados, mas com resultados desanimadores, pois, em determinado momento do tratamento de sua doença, chega-se ao ponto de nada haver mais a fazer para que permaneçam vivos.

Por isso, do ponto de vista ético, pretende-se evitar que a tecnologia venha a transformar-se em instrumento que prolongue o sofrimento e retarde, a qualquer custo, o inevitável processo de morte, submetendo o paciente a uma agonia prologada. Isto levanta questões sobre se e quando o suporte à vida deve ser mantido ou retirado e sobre quem deve ter o julgamento prevalência: o médico, o paciente ou a família. A esta pode ficar assustada e até recusar a situação e a morte. Por isso há a necessidade de acompanhamento para que possa integrar e entender o processo da morte.

Convém ressaltar sempre ao respeito pela inviolabilidade da vida humana. Nos dias de hoje os cuidados paliativos constituem o padrão de referência dos cuidados para os doentes com doenças crónicas em estado avançado e também para as suas famílias¹²⁷. A eutanásia é um mal em si mesmo, que deve ser recusado porque tem como finalidade a morte e não a vida. Perante a inviolabilidade da vida humana não serve de nada dizer que a morte se causa por piedade para evitar o sofrimento ou uma possível existência infeliz, porque a vida é sempre um Dom de Deus. Como resposta à alienação desse dom, temos os cuidados paliativos.

¹²⁶ Cf. C. DIAS, *Eu vim para que tenham vida – um contributo para a pastoral da saúde no meio hospital*, Lisboa, Edição do autor, 2011, 56.

¹²⁷ Cf. J. GONÇALVES, *A Boa-Morte. Ética no fim da vida*, Lisboa, Coisas de Ler, 2009, 141.

Perante as ameaças que se fazem à vida humana a Encíclica Evangelho da Vida, alerta em especial os cristãos para o sublime dever de preservar, promover e defender a vida humana, partindo duma orientação ética, desenvolvida por meio de valores e da vida como dom gratuito de Deus¹²⁸.

2. A comunicação nos cuidados paliativos

O cuidar, quer na medicina quer na enfermagem, é caracterizado pelo conhecimento e atendimento das necessidades daqueles que precisam de cuidados, dando-lhes assim uma nova possibilidade deles mesmos se sentirem responsáveis e capazes de cuidar de si mesmos, ousando despertar neles uma atitude de se sentirem são¹²⁹.

Há sempre quem cuida e quem é cuidado ou precisa de ser cuidado. Estabelece-se assim uma relação de proximidade e de comunicação, Quando Gadamer faz uma abordagem das dimensões das práticas curativas/cuidados dos médicos não deixa de alertar que no tratamento, a experiência do diálogo é muito importante. Este diálogo, que não é uma mera situação introdutiva ou preparatória, é já o modo de cuidar para que haja melhoria¹³⁰. Mais do que dialogar é saber dialogar e deixar o espaço necessário para tal, ouvindo e agindo.

O diálogo deve estar presente no processo terapêutico. Nisto está patente uma abordagem da unidade que deve existir entre o tratamento e a experiência de diálogo

¹²⁸ Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica “Evangelium Vitae”*, 65.

¹²⁹ Cf. J. GONÇALVES, *A Boa Morte. Ética no Fim da Vida*, 146.

¹³⁰ Cf. H. G. GADAMER, *O ministério da saúde – o cuidado da saúde e a arte da medicina*, Lisboa, Edições 70, 1997, 123.

entre paciente e o próprio médico. Esse diálogo deve ser franco, sem represálias, sermões, sem autoritarismos e ditaduras, mas sim de bom grado e sereno, para que se possa reconhecer o outro como semelhante e diferente¹³¹. O respeito é um valor mútuo; seja em que circunstância for, é indispensável para que haja um diálogo cordial e fraterno. Para boas atitudes, há que haver um bom clima e ótimo diálogo, para melhor cuidar e deixar-se cuidar.

O médico, o enfermeiro ou qualquer outro agente da saúde, junto com o paciente, devem perceber que o diálogo não significa apenas questão de anamnese, devendo constituir uma profunda evocação, através da qual a pessoa em causa seja capaz de se recordar e sobretudo de falar capazmente¹³².

Um bom diálogo traz sempre melhoria e restabelece o equilíbrio entre a dor e o bem-estar, e, quando é tido como elemento essencial e num clima de respeito e atenção, a experiência passa a ser melhor e suave, e abre à intimidade. Acolher a sintonia afável entre os sujeitos, traz sempre equilíbrio para ambas as partes em questão¹³³. Estes pressupostos permitem que o cuidado seja bem-sucedido. Até pode haver um autocuidado, uma nova forma de ver e de viver a vida nas suas graças e dificuldades que no viver se encontram.

A comunicação é pois um elemento fundamental na relação humana e é também um componente essencial do cuidado. A utilização da variedade de técnicas de comunicação interpessoal usadas pelos profissionais da saúde deve ser eficaz, permitindo que o paciente compartilhe os seus medos, as suas dúvidas e o seu sofrimento; assim está a contribuir para o seu bem-estar. Essa comunicação interpessoal abre

¹³¹ *Ibidem*, 106.

¹³² *Ibidem*, 129.

¹³³ *Ibidem*, 129.

possibilidades para um bom relacionamento humano, dando maior valor à essência do cuidado, sustentando a fé e a esperança nos momentos cruciais.

A comunicação deve ser eficaz, e uma estratégia terapêutica deve intervir com boa parte dos doentes, cumprindo a obrigação de foro ético e moral dos cuidados paliativos. Ela deve ser empática, não estando presa a normas e a padrões pré-estabelecidos, a não ser o princípio de que cada doente, familiar ou outro membro da equipa de cuidados paliativos, são únicos e diferentes, reflectindo o seu contexto cultural, social, religioso, político, económico e pessoal. A comunicação é muito importante porque abre caminhos para aceder e entender, de modo digno, as dimensões do doente. É componente essencial para a assistência¹³⁴. Esta mesma comunicação deve constituir um meio importante, para a sua eficácia ser maior é preciso que as questões emocionais e conflituosas sejam exploradas numa fase mais precoce, permitindo meios para sua o seu esclarecimento e a sua resolução.

3. Sedação Paliativa

Neste ponto queremos dizer que, por ser um assunto de carácter técnico, que não pode ser abordado aqui nos restringimos apenas aos aspetos que achamos mais relevantes para o nosso trabalho. Por isso apenas falaremos da sua significação, alguns benefícios, seus efeitos e implicações éticas.

Sedar é acalmar: “sedação paliativa” é a administração deliberada de fármacos em doses e combinações necessárias que reduzem o nível de consciência, com o consentimento do paciente ou de seu responsável. Tem como objetivo aliviar de modo

¹³⁴ Cf. M. SILVA – M. ARAÚJO, *Manual de Cuidados Paliativos*, 49.

adequado um ou mais sintomas refratários em pacientes com doença avançada terminal. “Sedação terminal” foi o primeiro termo utilizado para nomear a sedação paliativa, todavia tem sido abandonado nos últimos anos, devido à falta de clareza da palavra “terminal”, que pode estar associada ao paciente ou ao objetivo da sedação isto é, terminar a vida.

A sedação paliativa é reduzir de forma intencional o nível da consciência, contínua ou intermitente com o objetivo de controlar os sintomas que causam grave desconforto refratários ao tratamento convencional, presentes na evolução de doenças incuráveis e progressivas em fase terminal. Não é eutanásia, simplesmente alivia a dor.

A sedação paliativa tem dois efeitos: o desejado, ao reduzir o sofrimento físico e psicológico e o indesejado que pode diminuir o tempo de vida do paciente e a obnubilação da consciência no julgamento ético deste procedimento, o princípio do duplo efeito torna a sedação paliativa moralmente aceitável, uma vez que a intenção o alívio do sofrimento tem mais importância do que a consequente diminuição do tempo de vida, privação da consciência. Em outras palavras, o princípio da beneficência tem precedência sobre o da não-maleficência.

O Papa João Paulo II refere-se a esta temática nos seguintes termos: “Neste contexto [cuidados paliativos] entre outros problemas, levanta-se o da licitude do recurso aos diversos tipos de analgésicos e sedativos para aliviar o doente da dor, quando isso manifesta o risco de lhe alienar a vida”.

Depois, no seguimento do ensinamento do Papa Pio XII, responde:

“É lícito suportar a dor por meio de narcóticos, mesmo com a consequência de limitar a consciência e abreviar a vida, ‘se não existem outros meios e se, naquelas circunstâncias, isso em nada impede o cumprimento de outros deveres religiosos e

morais'. É que, neste caso, a morte não é querida ou procurada, embora por motivos razoáveis se corra o risco dela: pretende-se embora por motivos razoáveis se corra o risco dela: pretende-se simplesmente aliviar a dor de maneira eficaz, recorrendo aos analgésicos postos à disposição da medicina. Contudo, 'não se deve privar o moribundo da consciência de si mesmo, sem motivo grave': quando se aproxima a morte, as pessoas devem estar em condições de poder satisfazer as suas obrigações morais e familiares, e devem sobretudo poder preparar-se com plena consciência para o encontro definitivo com Deus"¹³⁵.

A sedação paliativa nem sempre é administrada de forma primária, contínua e profunda. A administração de uma droga sedativa não significa necessariamente supressão permanente do nível de consciência. E é necessário lembrar que o objetivo final dessa sedação é aliviar o stress e promover conforto. O nível de sedação deve ser titulado em função de cada paciente e do alívio de seu sintoma ou stress, sedação proporcionada¹³⁶.

Devemos pois apoiar a prática dos cuidados paliativos, incluindo o uso de analgésicos e de sedativos que, aliviam a dor, podem encurtar a vida do doente, contudo desde que a morte não venha ser usada como solução, como fim ou como meio, mas que se tolere o tempo natural da vida humana¹³⁷. Esta prática de modo geral pretende o alívio da dor e do sofrimento, não tendo a morte como solução. Quando se opta por este tratamento a família deve ser informada daquilo que se passa.

¹³⁵ JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica "Evangelium Vitae"*, 65. Cita dois discursos do Papa Pio XII e a *Declaração* da Congregação para a Doutrina da Fé, de 1980.

¹³⁶ Cf. J. GONÇALVES, *A Boa Morte, Ética no Fim da Vida*, 125-132.

¹³⁷ Cf. CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA da FÉ, *Declaração sobre a Eutanásia*, 5 de Maio de 1980, <http://www.vatican.va>, página visitada a 26 de Janeiro de 2015. E o *Catecismo da Igreja Católica*, Coimbra, Gráfica de Coimbra, nº 2258, 1994.

Em termos éticos a sedação em si não é reprovável, mas, o que pode ser reprovável são os fins com que se aplica. O seu uso desproporcionado poderá causar danos maiores e até a própria morte. É chamada eutanásia indireta.

A sedação paliativa no âmbito do sofrimento físico existencial é ética e moralmente problemática para a maioria dos médicos, porque os doentes que padecem desse sofrimento podem estar acordados, alertas, lúcidos e sem sintoma físico associado¹³⁸. A sedação paliativa deve salvaguardar a dignidade da pessoa em questão, e é muito importante que a pessoa doente esteja lúcida no momento final da sua vida.

¹³⁸ Cf. C. KIRA, *Manual de cuidados paliativos*, 203-204.

CONCLUSÃO

O começo do estudo do tema do cuidado foi para mim cheio de surpresas. Ao princípio senti dificuldades, mas no decorrer da pesquisa o entusiasmo começou a habitar no meu ser e despertou maior interesse e curiosidade no cuidado que se deve ter em todos os sentidos da nossa existência. A realização deste trabalho foi para mim uma oportunidade para aprender e ganhar maior motivação onde posso dar o meu contributo no cuidado às pessoas que mais precisam. Embora não sendo um profissional de saúde esta caminhada despertou em mim uma reflexão acerca dos problemas relacionados com o processo do cuidar. Cuidar, deixar-se cuidar é uma missão para todos.

Vimos na fábula-mito que foi o cuidado que moldou a ser humano. É essência para a vida do homem. O cuidado é definido por Martin Heidegger como a estrutura mais originária do ser humano, na sua situação existencial de estar-no-mundo e estar-com. Está é uma característica que o define. É um ato de amor. Leonardo Boff faz também importantes observações sobre o tema.

Jesus foi e é o verdadeiro médico dos corpos e das almas só Ele pode curar-nos integralmente. Ele ao cuidar dos frágeis deu-nos exemplo do modo como devemos cuidar daqueles que precisam. Ele cuida e cura com o toque salvando a pessoa que padece.

São Francisco de Assis deu-nos o exemplo de como o cuidado que devemos ter com a natureza é o reconhecimento de que somos parte dela e a ter com os mais frágeis

é um ato puro de amor e a visão da ecologia, como parte integrante da nossa vida clama por uma fraternidade cósmica.

Contudo, foi para mim muito valiosa toda a pesquisa feita sobre esta temática e suas dimensões, servindo-me sobretudo para confrontar com realidades do cuidar hoje nos âmbitos da ecologia e da vida humana.

Estou consciente que a mudança de comportamentos para melhor cuidar da natureza e das pessoas frágeis não se faz de um dia para outro, mas que é necessário que haja maior envolvimento de todos, porque o cuidado é algo que a todos pertence e cabe a cada um deixá-lo desabrochar. Tudo precisa de uma mão amiga e que respeite. Cuidar para o bem comum é uma tarefa difícil e árdua, mas que compensa.

Como dissemos na introdução o cuidado é zelo, preocupação, ... agora reforçamos essa ideia, dizendo que o cuidado por sua própria natureza possui dois significados que se inter-relacionam uma atitude de atenção e de solicitude para com o outro, ao mesmo tempo que representa preocupação e inquietação, por outro lado, aquele que cuida está envolvido afetivamente e ligado ao outro. O cuidado envolve uma relação recíproca. É base de uma relação humana.

Qualquer cuidado com o ser humano, além de preparação técnica tem implicações éticas, o que requer do profissional da saúde ou qualquer outra pessoa, atenções e atitudes positivas de afeto, de solicitude, de manutenção deliberada de compreensão, empatia, aceitação e adoção de uma postura de flexibilidade que permita reconhecer o outro como um todo.

Apraz-nos dizer que morte não deve ser antecipada nem adiada, o que implica a incentivo do cuidado paliativo. É importante realçar que muitas questões envolvem os

últimos momentos da vida. O cuidado no âmbito da saúde deve ser um cuidado terapêutico, o mesmo é dizer que esse modo de agir deve ter como finalidade e objetivo tratar bem a saúde daquele que está numa situação precária e falamos daquele que cuida e que é cuidado, mas não devemos esquecer a questão, que julgamos ser fundamental, que é o cuidado a ter para com aquele que cuida, ou seja, cuidar do cuidador. É um assunto para futuras investigações.

BIBLIOGRAFIA

DOCUMENTOS DO MAGISTÉRIO DA IGREJA

Catecismo da Igreja Católica, Coimbra, Gráfica de Coimbra, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ, *Declaração sobre a Eutanásia*, 5 de Maio de 1980, <http://www.vatican.va>, página visitada a 26 de Janeiro de 2015.

JOÃO PAULO II, *Bula “Inter Sanctos”*, Roma, AAS 71, 29 de Novembro de 1979.

----- *Paz com Deus Criador. Paz com toda a criação, Mensagem para a celebração do XXII dia Mundial da Paz*, Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 8 de dezembro de 1989.

----- *Carta Encíclica “Evangelium Vitae” sobre o valor e o carácter inviolável da vida humana*, Braga, Editorial Apostolado Oração, 1995.

PAULO VI, *Encíclica “Populorum progressio”*, Braga, Secretariado Nacional do Apostolado Oração, 1967.

FONTES

BÍBLIA SAGRADA AFRICANA, Maputo, Paulinas Editora, 2004.

FONTES FRANCISCANAS:

Legenda dos Três Companheiros, in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³.

Legenda Perusina 44, in *Fontes Franciscanas*, Editorial Franciscana, Braga, 2005³.

CELANO, Tomás, *Vida primeira de São Francisco de Assis*, in *Fontes Franciscanas*, Editorial Franciscana, Braga, 2005³.

SÃO BOAVENTURA, *Legenda Maior*, VIII, 4, in *Fontes Franciscanas*, Editorial Franciscana, Braga, 2005³.

SÃO FRANCISCO DE ASSIS, *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³.

----- “*Cântico das Criaturas*,” in *Fontes Franciscanas*, Braga, Editorial Franciscana, 2005³.

----- *Testamento*, in *Fontes Franciscanas*, Editorial Franciscana, Braga, 2005³.

ESTUDOS

ALVES, Herculano, *A pobreza no contexto bíblico e nos Livros Históricos da Bíblia*, in *XII Semana Bíblica Nacional, Os pobres na Bíblia e na vida de hoje*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1990, 33-71.

BARBOSA, António - NETO, Isabel, *Manual de cuidados paliativos*, Lisboa, Faculdade de Medicina de Lisboa, Lisboa, 2006.

BARBOSA, Sílvia, *Manual dos Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Diagraphic Editora, 2009.

BESEN, José, *São Francisco o Poeta da criação*, Editora Mundo e Missão, São Paulo, 1999.

BIANCHI, Enzo - MINICARDI, Luciano, *Ao lado do doente – o sentido da doença e o acompanhamento dos doentes*, Prior Velho, Paulinas Editora, 2012.

BODRATO, Aldo, *Il Vangelo delle meraviglie: commento al Vangelo di Marco*, Assis, Editrice Cittadella, 1996.

BOFF, Leonardo, *Ecologia, grito da terra, grito dos pobres*, São Paulo, Ática, 1995.

- *Saber cuidar: ética do humano - compaixão pela terra*, Petrópolis, Editora Vozes, 1999¹⁶.
- *O cuidado necessário, na vida, na saúde, na educação, na ecologia, na ética e na espiritualidade*, Petrópolis, 2013
- CARBAJO, Martin, *Crise Económica – uma resposta franciscana*, Editorial Franciscana, Braga, 2013.
- CASALEGNO, Alberto, *Paulo, o Evangelho do amor fiel de Deus*, São Paulo, Edições Loyola, 2004
- CHABERT Yvetti - PHILIBERT, Robert, *Croire quand on souffre?*, Paris, Éditions de Atelier, 1993.
- COMISSÃO TEOLÓGICA INTERNACIONAL, *Comunhão e Serviço: a pessoa humana criada à imagem de Deus*, in “*Civiltà Cattolica*”, Vol. VI, 6 de Novembro de 2004, 254-286.
- COSTA, Alfredo, *Génesis – do sonho à esperança da Terra Prometida*, in, *IX Semana Bíblica Nacional, O Homem como responsável da criação*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1987, 175-191.
- CUISIN, Michel, *O que é Ecologia?*, Lisboa, Iniciativas Editora, 1971.
- DIAS, Jorge, *Eu vim para que tenham vida – um contributo para a pastoral da saúde no meio hospital*, Lisboa, Edição do autor, 2011.
- EARL, Robert, *As costas e estuários. O virar da maré*, in PORRITT, Jonathon (org), *Salvemos a Terra*, Porto, Edição Civilização, 1992.
- FRIES, Heinrich, *Teología Fundamental*, Barcelona, Herder, 1987.
- FROSINI, Giordano, *A Teologia Hoje – síntese do pensamento teológico*, Porto, Editorial do Perpétuo Socorro, 2001.

- GADAMER, Hans, *O ministério da saúde – o cuidado da saúde e a arte da medicina*, Lisboa, Edições 70, 1997.
- GONÇALVES, José, *A boa morte. Ética no fim da vida*, Lisboa, Coisas de Ler, 2009.
- GRUN, Anselm, *Permaneço ao seu lado, Acompanhar quem morre – viver mais intensamente*, Petrópolis, Editora Vozes, 2012.
- HEIDEGGER, Martin, *Ser e Tempo*, Petrópolis, Editora Vozes, 2012.
- HUBAUT, Michel, *Caminhos de interioridade com São Francisco*, Editorial Franciscana, Braga, 2012.
- KIRA, Célia, *Manual dos Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Diagraphic Editora, 2009.
- LAGRÉE, Jacqueline, *O Médico, o Doente e o Filósofo*. Coimbra, Gráfica de Coimbra, 2002.
- LIMA, José, *A pobreza em São Paulo e nos Actos dos Apóstolos*, in *XII Semana Bíblica Nacional, Os pobres na Bíblia e na vida de hoje*, Lisboa, Difusora Bíblica, 1990, 119-132.
- LORIUS, C. *Porque sobem as águas?* In *Público Magazine*, nº 825, 7 de Julho de 1992.
- LOUIS-CLAUDE, Fillion, *Jesus Cristo Segundo os Evangelhos*, Porto, Livraria Civilização Editora, 2007.
- MATSUMOTO, Dalva, *Manual de Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Diagraphic Editora, 2009.
- MERINO, José, *Humanismo Franciscano e Ecologia*, in “*Itinerarium*”, nº 140, Maio/Agosto, 1991, 183-213.
- *São Francisco e a Ecologia*, Braga, Editorial Franciscana, 2007.
- MONASTERIO, Rafael, *Evangelios sinópticos y Hechos de los Apóstoles*, Estella, Editora Verbo Divino, 2002.

- PIKAZA, Javier, *Para viver o Evangelho: Leitura de Marcos*, Coimbra: Gráfica de Coimbra, 1999.
- PINHO, Inocêncio, *O Homem pessoa e vida – Reflexões Humanas e Cristãs*, Braga, Editorial Apostolado Oração, 1992.
- RINALDI, Giovani, *A Introdução à Leitura Bíblica*, Porto, Livraria Tavares Martins, 1970
- RUIZ, Gregorio, *La ética profética: frente a la pobreza desde la justicia*, in“*Moralia*”, Vol. VI, 1984, 79-101.
- SANTOS, Leonel, *Os Milagres na Bíblia*, (Cadernos Bíblicos nº 20), Lisboa, Difusora Bíblica, 1986.
- SGRECCIA, Elio, *Manual de Bioética – Fundamentos e ética biomédica*, Cascais, Princípia Editora, 2009.
- SILVA, Maria – ARAÚJO, Monica, *Manual de Cuidados Paliativos*, Rio de Janeiro, Diagraphic Editora, 2009.
- SPOTO, Donald, *Francisco de Assis - O Santo Relutante*, Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2003.
- SPREAFICO, Ambrogio, *Marco il primo Vangelo*, Roma, Urbaniana University Press, 2000.
- SUESS, Paulo, *Evangelizar os Pobres e os Outros a Partir das suas Culturas*, in "Revista Eclesiástica Brasileira" 206, 1992, 364-386.
- TERRA, J. *A Bíblia e a natureza*, São Paulo, Edições Loyola, 1986.
- VAZ, Armindo, *A Visão das Origens em Génesis 2, 4b – 3,24, Coerência Temática e Unidade Literária*, Lisboa, Edições Didaskalia – Edições Carmelo, 1996.
- VERWEYEN, Hansjuergen, *Sentido e realidade dos milagres de Jesus*, in “*Communio*”, Ano 6, no 4, edição portuguesa, (Jul/Ago 1989), 323-331.

WASSEIGE, Max, *O Coração do Pobrezinho – comentário ao Testamento de São Francisco*, Editorial Franciscana, Braga, 2012.

ZACHARY Grant, *Paths to Renewal: six religious founders*, New York Society St. Paul, 1998.

ÍNDICE

SIGLAS E ABREVIATURAS	1
INTRODUÇÃO	3
I. CAPÍTULO: EMERGÊNCIA DO CUIDAR E DO CUIDADO NA CULTURA CONTEMPORÂNEA	6
Perspetivas do cuidado em Martin Heidegger	7
Centralidade do cuidado. Perspectivas de Leonardo Boff	10
Fábula-mito do cuidado	17
O emergir do cuidado da natureza e a ecologia	20
II. CAPÍTULO: REFERÊNCIAS BÍBLICAS E TEOLÓGICAS DO CUIDAR E DO CUIDADO	26
Deus criador e o homem criador: encargo, responsabilidade, poder e limites	26
Cuidar das pessoas em estado de necessidade	31
Ação de Jesus que cuida, cura e salva	35
O cuidado dos pobres nas comunidades cristãs primitivas	43
São Francisco de Assis. O cuidado da natureza e das pessoas frágeis	47
São Francisco de Assis e o cuidado da natureza	47
São Francisco de Assis: o encontro com o leproso	53
III. CAPÍTULO: CUIDADOS PALIATIVOS E HUMANIZAÇÃO	58
Cuidados paliativos	59
A comunicação nos cuidados paliativos	63
Sedação paliativa	65
CONCLUSÃO	69
BIBLIOGRAFIA	72